

O ANIMIGO

ANO V — Nº 13 — CR\$ 40,00 — NOV '80 A MAR '81
SALVADOR, RIO, S. PAULO, P. ALEGRE, RECIFE.

UM JORNAL ANTIAUTORITÁRIO

DO REI

VOCÊ PODE FUMAR BASEADO

(Desde que não seja do PDS ou TROTSKISTA)

COMUNISTAS SE UNEM À DIREITA CONTRA A OPOSIÇÃO SINDICAL

FÁBRICA DA VOLKS É CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

QUEM MAMA COM A INFLAÇÃO

O ano de 1980 acabou e tudo aquilo que havia sido planejado por nossos magos da economia não deu certo: a super-safra não matou a fome dos mais de 50 milhões de subnutridos crônicos do País, a inflação chegou a 105 por cento (recorde absoluto) e a tão decantada abertura política embora, efetivamente, em alguns setores ela tenha se feito sentir, em relação aos trabalhadores, que é o que interessa, ela apenas revelou-se um engodo. Tanto é assim que líderes operários foram presos no ABC paulista e alguns deles até estão sendo processados de acordo com a infeliz Lei de Segurança Nacional (LSN; bem que podia ser LSD, faria menos mal...).

O ano de 1981 abre-se com anúncios de novas desgraças visto que os mesmos (ir) responsáveis pelos fracassos econômicos de 1980 estão à frente do comando do País.

Seria tolice, aqui, dizer que é Delfim Neto, é Golbery, é o general Medeiros, o responsável ou os responsáveis pela desgraça nacional. Não. É todo o Sistema que está falido. Não são pessoas, elas apenas estão à frente de um modelo que todos sabem, que não poderá ser levado adiante.

A dívida externa do País ultrapassa os 60 bilhões de dólares e os juros dela,

somente este ano, custarão ao povo brasileiro mais de 10 bilhões que, até agora, não se sabe de onde serão tirados, apenas supõe-se, pelo que o general Figueiredo veio a público dizer, no final do ano passado.

O plano parece ser o de continuar com o modelo tresloucado de produzir bens para consumo de outros povos, ou seja, produzir para exportar. O binômio produzir e poupar, que será derramado em nossas cabeças pelo rádio, TV e jornais neste ano, em verdade esconde as verdadeiras intenções dos nossos governantes. O que lhes interessa a esta altura é apenas continuar mantendo seus privilégios, suas mordomias, seus altos salários como membros de uma das burocracias mais bem pagas do planeta.

Está claro que para sustentar este tipo de modelo, que só favorece a uma casta de burgueses, políticos, técnicos e burocratas (além dos onipresentes militares), que não representa nem 10 por cento da população do País, quem terá que chimbar será o trabalhador. É ele que neste ano de 81, mais que em qualquer outro, terá seu salário aviltado, seus direitos massacrados e sua cabeça feita por um sistema que vive manipu-

lando a consciência das massas com propaganda, futebol e outras asneiras que escravizam o homem brasileiro.

Quanto à inflação, só um tolo não entende que alguém está mamando grosso com ela. Porque sabe-se muito bem aonde é que os preços sobem e exatamente aonde é que estão as pessoas que especulam com mercadorias criando uma falsa alta de preço. Sabe-se também que os aumentos decretados nos preços dos derivados do petróleo não têm nenhum respaldo na realidade dos preços internacionais. Os árabes nunca aumentaram o barril de petróleo a ponto de justificar o litro de gasolina a 51 cruzeiros ou o botijão de gás de cozinha a 250 cruzeiros. No máximo, se fôssemos acompanhar as altas da Opep, estaríamos na metade destes preços.

Numa das tarefas do povo em 1981 pode ser esta: «descobrir» quem está ganhando com o processo inflacionário brasileiro. Pois é sabido por toda a população que as autoridades brasileiras não estão nem um pouco interessadas em debelar a inflação, porque todas as medidas tomadas até agora são inflacionárias. A questão então é saber quem está mamando nesta teta, aí poderemos partir para a ação.

Os jornalistas d'O Inimigo do Rei são também jornaleiros

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: este é um jornal Autogestionário. O que significa isto?

Significa que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos os que pertencem ao corpo editorial: todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Significa que o indivíduo que publica qualquer coisa no O INIMIGO DO REI terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praças, cursinhos, universidades, teatros etc. Ou então colocar o jornal em bancas, responsabilizando-se por uma quantidade "X". Esta foi a maneira que encontramos para acabar com a diferença entre os trabalhos intelectual e braçal, uma das hierarquias que perpetuam a dominação de um homem pelo outro.

Aos espertinhos que se utilizam da seção de cartas para não necessitar trabalhar pelo jornal, avisamos que não serão aceitas cartas editoriais, a não ser daqueles que vendem braçalmente o jornal.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever no O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter frequentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos níveis nos textos: isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores quanto a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem do nosso jornal, pois ele está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.



CRISTO
E
LENNON

JOSÉ HORÁCIO GARCIA (Salvador-Ba) — "O legado de John Lennon, sem dúvida, é um legado de poesia, beleza, amor, paz, compreensão e respeito humano e ecológico, através de suas músicas. Sem dúvida ele foi bem mais importante que Jesus Cristo que deixou um legado de religião estatal, inquisição, guerra dos 30 anos, massacre de populações nativas do continente americano, conversões entre a cruz e a fogueira, apoio aos regimes ditatoriais de Franco, Mussolini, Hitler e outros mais; sempre em defesa da sociedade cristã e ocidental. Lennon e Cristo pregaram a paz e foram assassinados, como Gandhi; é o perigo de ser bom. Lennon e Gandhi desapareceram mas deixaram uma lembrança de amor que talvez se apague; mas outros virão e a chama continuará. Cristo foi infeliz pois deixou uma religião organizada que perseguiu, matou e destruiu povos, civilizações. Realmente é prefiro John Lennon".

Opinião publicada em A TARDE (Bahia)

RESUMO

Leia neste número:

Página 3 — Continua a sacanagem do Sinjorba com os jornalistas baianos.

Página 5 — Uma homenagem ao revolucionário que Lennon foi.

Página 7 — As «minorias» e a revolução socialista.

Página 8 — Em São Paulo os comunistas estão de mãos dadas com a direita.

Página 9 — A fábrica da Volks do Brasil é um campo de concentração.

Páginas 10 & 11 — Quem faz marginal: maconha ou o Sistema?

Página 13 — O caráter autoritário e as tiranias do dia-a-dia.

Página 18 — Lenin manda os jovens não treparem.

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito por trabalhadores intelectuais e braçais, do campo e da cidade; por universitários; por secundaristas; e por grupos de afinidade, de forma autogestionária: não há hierarquia e todos são responsáveis igualmente pelo jornal.

Capa: Carlos Augusto Rodrigues.

Diagramação e arte: Antônio Carlos Pacheco.

O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria «A» (CGC/MF 14727871/0001-63). Rua 21 de Abril, n. 8, sala 21, Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.

Preço do exemplar avulso: Cr\$ 40. Assinatura anual: Cr\$ 220. Exterior: US\$ 20.

Sindicato divide categoria

ALEXANDRE FERRAZ (BAHIA)

O atual presidente da Confederação Nacional dos Jornalistas, Sr. Washington Melo, decididamente não pode ser qualificado como um homem sério. Quem se recorda do problema existente na Bahia entre o Sindicato dos Jornalistas e os chamados jornalistas «irregulares» (sem registro profissional, apesar de viverem única e exclusivamente da profissão), deve lembrar-se também de que o citado senhor foi um dos responsáveis pela resolução da crise gerada com a greve de fome de quatro representantes dos não-registrados.

Pois bem. O Sr. Washington Melo assinou um acordo através do qual ficaria garantido o direito ao registro dos chamados irregulares (que, a bem da verdade, lutam pelo direito ao trabalho, não necessariamente por um registro). Isso ocorreu em maio/junho de 80. No último mês de novembro, depois de relativa trégua, o trabalho sujo de bastidores veio à tona em nova e terrível ameaça para os não-registrados: voltava a pairar o fantasma do desemprego, através de nova investida da Delegacia Regional do Trabalho. E uma das peças-chave deste trabalho sujo de bastidores foi a pressão exercida junto ao Ministério do Trabalho no sentido de que fosse acirrada a fiscalização (leia-se: no sentido de que os não registrados fossem demitidos).

O citado senhor Washington, então já eleito presidente da Confederação, não teve escrúpulos em — contrariando frontalmente a posição aparentemente digna mantida até então — abarrotar as mesas dos homens do governo de ofícios pedindo a «fiscalização».

OUTRAS SACANAGENS

Mas não param aí as ações de baixíssimo nível do grupo que atualmente domina o Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia. Tendo os não-registrados reagido e apelado para a Justiça (ganhando a liminar que suspende a fiscalização até que o Ministério do Trabalho dê um parecer concreto sobre o assunto), os ponta de lança do Sinjorba passaram para as ações do tipo telefonar para as redações «queimando» os jornalistas não-registrados.

Enquanto a diretoria do Sinjorba se dedicava a esta pouquíssima digna tarefa, 22 trabalhadores de A Tarde eram demitidos sob a alegação de que eram «irregulares» e que a DRT estaria exercendo pressões no sentido de regularizar as redações. Pura balela. A verdade é que os patrões, devida e competentemente apoiados pelo Sindicato, aproveitavam a situação para reduzir as folhas de pagamento. Tanto é assim que nenhum jornalista — regularizado ou não — foi admitido para o lugar dos 22 demitidos.

Mas o Sinjorba preferia continuar na sua tenaz perseguição a cerca de 50 por cento dos trabalhadores de jornais em Salvador.

JORNALISTAS BAIANOS

Para tal, tornavam-se cada vez mais frequentes os papos, encontros e troca de informações entre o presidente do Sindicato, Anísio Félix, e o delegado Regional do Trabalho, Sr. Ivanilson Trindade. Que este último tente, por todos os meios, fazer cumprir as leis sem se preocupar com a Justiça, não só é admissível como faz parte da sua função. Entretanto, convenhamos, não há como compreender um Sindicato de Trabalhadores (Sic) aliado ao governo na perseguição a trabalhadores. Mas as-

manobras e, como nada adiantasse, simplesmente entrou em contato direto com a direção do jornal e, através de ofício (no mais autêntico — e criticado — estilo governista) nomeou dois representantes, que logo ficaram conhecidos como **representantes biônicos**.

Desta forma, como esses dois foram oficialmente solicitados pelo Sindicato, foram os únicos a ter autorização para viajar e, assim, os dois outros, verdadeiramente eleitos, ficaram impossibilitados

no ano de 1979, diga-se de passagem, teve força graças à atuação forte daqueles que hoje estão sendo ameaçados de perder o emprego). Ora, na atual situação econômica em que vive o país, onde a ameaça da recessão paira no ar, nada melhor para os patrões do que uma categoria enfraquecida, sem poder de luta, de barganha. E tudo isso graças à insanidade daqueles que dirigem o sindicato.

O SUICÍDIO DE «ALEMÃO»

Em novembro do ano passado, o jornalista Carlos Eleotério suicidou-se pulando do terceiro andar do prédio onde morava. Quais as razões do suicídio do «Alemão»,



sim foi e tem sido. De espantar mais ainda é saber que a maioria das pessoas que ora atuam na diretoria do Sinjorba (ou nos bastidores, mas dominando perfeita e falicamente, — dizem as más línguas — alguns membros da diretoria) se acham, se apregoam — só não se comportam como tal — pessoas de esquerda (Sic).

CATEGORIA ENFRAQUECIDA

Outra oportunidade em que o Sinjorba revelou seu verdadeiro caráter foi quando da realização do Congresso dos Jornalistas, em Brasília. As manobras foram muitas para evitar a participação dos não-registrados. Na redação da TRIBUNA DA BAHIA, por exemplo, tentou-se, através dos ponta de lança sindicais, uma eleição «nas coxas», de onde se tirou, praticamente o resultado que se desejava: a eleição de um representante que traduziria o pensamento da atual diretoria sindical. Entretanto, como foi gritante a irregularidade desta eleição (sequer 1/4 da redação votou), ela foi anulada, através de consenso chegado após uma reunião.

Novas eleições foram feitas e foram escolhidos dois representantes: um jornalista registrado e sindicalizado e outro não-registrado. Estavam, assim, representadas as duas correntes, num perfeito equilíbrio. Mas o Sinjorba não aceitou. Inventou prazos que teriam sido «estourados», fez mil

de viajar. E os dois biônicos — ainda que politicamente nulos — aproveitaram para conhecer e passear em Brasília.

Com isso, a categoria, na Bahia, vem sendo cada vez mais enfraquecida. No final do mês de dezembro, o Sinjorba determinou o início da campanha salarial para a discussão dos índices de aumento de 1981. Mas, o resultado não poderia ter sido outro: as reuniões tiveram um índice de comparecimento dos mais baixos. E não é para menos: a categoria está ultra dividida e enfraquecida. Nas redações, os não-registrados que ainda se mantêm nos empregos estão inteiramente à mercê dos patrões. Não podem, por razões óbvias, fazer exigências, sob pena de lhes ser passado na cara que estão ali ainda «de favor» e que não podem se queixar de nada.

Entre os registrados, reina o pânico geral. Pouquíssimos são os que fecham inteiramente com a posição adotada pela diretoria do Sinjorba. A grande maioria está perplexa, tendendo sempre para o lado da Justiça: reconhecendo que a profissão deve ser regularizada, mas inteiramente contra a onda de demissões que o sindicato vê como a única «saída» para o problema.

Desta forma, esta maioria prefere ficar por fora, o que se traduz num enfraquecimento ainda maior da campanha salarial (que,

como era conhecido? Depressão geral, desequilíbrio emocional. Por quê? Um dos motivos era exatamente o fato de se encontrar desempregado. Tendo deixado de trabalhar em jornal há cerca de dois anos, «Alemão» tentou, em vão, retornar à profissão. O que não foi possível por ele não ter o registro profissional.

Tentou ainda ser barraqueiro de praia, mas foi impedido porque também não tinha registro na Prefeitura e como o prazo para que isso fosse feito já tivesse sido encerrado, ele perdeu sua barraca. Pressionado pela família no sentido de arranjar trabalho, «Alemão» terminou se matando.

Esta situação foi colocada publicamente num panfleto distribuído em Salvador e através de notícias nos jornais. Acossado, sem ter o que dizer, o Sinjorba partiu, mais uma vez, para a apelação. E não foram poucos aqueles que se diziam «amigos» de «Alemão» e que não pensaram duas vezes em taxá-lo de maluco». Disseram que os não-registrados estavam «explorando cadáveres» e, como estavam cada vez mais perdendo terreno, resolveram explorar a viúva: redigiram uma carta onde a viúva «dizia», em outras palavras, que a falta de emprego nada tinha a ver com o suicídio do marido. E, na calada da noite, partiram para a casa da viúva, convencendo-a a assinar a carta.

Ferrer e a Escola Moderna

OSVALDO SALGUEIRO (SP)

Em sua magistral obra publicada em dois grossos volumes sob o título, "O processo Ferrer e a opinião européia", L. Simarro D.M., professor de Psicologia na Universidade de Madrid, diz, na página 84 do 1º volume, transcrevendo palavras de outro livro de Mr. Cabe ("The artyrdom of Ferrer"), publicado em Londres pela Associação da Imprensa Racionalista:

"Um distinto anarquista disse-me: "Para os republicanos era um anarquista, para os anarquistas era um republicano". É a mais exata definição da sua posição política".

Fosse qual fosse, em matéria de política, o pensamento de Ferrer, o fato é que o método pedagógico da Escola Moderna era intrinsecamente libertário, no mais amplo e elevado sentido do termo.

Tomando por base o livro de Mr. McCabe, L. Simarro D. M. transcreve as seguintes palavras:

"O que de momento tenho a dizer é que a afirmação dos seus amigos (de Ferrer) menos íntimos, segundo a qual suas idéias eram semelhantes às de Tolstoi e dos nossos quakers, foi negada por outros que o conheciam melhor. Por outro lado não há qualquer dúvida de que depois do seu longo desterro em Paris, Ferrer deixou de defender, de aconselhar, de fomentar de qualquer maneira, insurreições através da violência. Falei muito sobre este detalhe com alguns anarquistas, seus amigos íntimos, e o que me disseram, em suma, é que Ferrer não se afastou do seu caminho para condenar métodos alheios. Seu método consistia na educação. Porém, que se tenha bem em conta o seguinte: educava com a esperança no futuro. Tinha a confiança de que a Espanha, depois de educada, terminaria com a corrupção entre a Igreja e o Estado, que enche de lamentações a moderna literatura espanhola. De nenhuma maneira, entretanto, direta ou indiretamente, pregava a violência. Manteve-se afastado de qualquer participação política de Barcelona. As suas escolas absorviam todo o seu tempo.

Desde já apresentarei alguns dos muitos depoimentos de peso que recebi com respeito à sua verdadeira opinião, à sua verdadeira disposição de espírito. O primeiro depoimento consiste na sua explícita declaração publicada no semanário republicano, de Barcelona, "Fructidor", no dia 8 de fevereiro de 1901. Pediram-lhe notícias sobre a origem da Escola Moderna de Barcelona, e referindo-se à idéia na qual se inspirou, disse:

"Quando Zorrilla faleceu, perdi toda a confiança, já bastante debilitada, nos resultados de uma revolução empreendida por revolucionários superficiais, vítimas dos mesmos prejuízos dos monarquistas a quem pretendem privar do poder. Desde então, dediquei todas as minhas atividades à fundação de uma escola que, na minha humilde opinião, poderia servir de modelo a todas que tratavam de fundar algumas sociedades avançadas, com o objetivo de preservar as crianças do ensino mentiroso das



Ferrer nasceu em Alella, Espanha, em 1859. Foi fuzilado em 13 de outubro de 1909 no Castelo de Montjuich, Barcelona (Espanha).

escolas oficiais. Tal foi a origem da Escola Moderna".

"Da distante Itália — nos diz L. Simarro D. M., prosseguindo nas transcrições do livro de Mr. McCabe — chega-nos o mesmo testemunho. Em um artigo de "La Razione" (Roma, 10 de outubro), Oddo Marinelli escreve: "Os 15 anos transcorridos em Paris, na constante esperança da revolução que acabaria por regenerar a sua pátria, apenas lhe fizeram perder toda a confiança na regeneração da Espanha mediante os esforços dos revolucionários". "The Nineteenth Century", publicou um artigo de A. Naquet, escritor francês de grande prestígio e íntimo amigo de Ferrer, no qual afirma: "Sem chegar a aceitar a doutrina da resignação nem a teoria da resistência passiva de Tolstoi — estava longe disso — acreditava que o caminho mais curto e seguro para o progresso, consiste em transformar pacificamente, pela educação, as concepções dos nossos contemporâneos".

Bem, tendo em conta a falta de espaço, ficarei por aqui, quanto à descrição da opinião dos intelectuais e amigos de Ferrer. Creio, entretanto, já haver dito o suficiente a tal respeito. De resto, e em obediência ao título deste curto e apressado artigo, não poderei deixar de transcrever uma sábia e longa página de Ferrer, a respeito das diretrizes da Escola Moderna. Conforme já afirmel no início deste modesto trabalho, — e faço questão de frisar —, trata-se de um documento intrinsecamente libertário, no amplo e elevado sentido da palavra. Escreverei mais um artigo para outro n.º do "O INIMIGO DO REI", descrevendo o sórdido ambiente no qual Ferrer foi processado. Tal processo é semelhante ao dos Mártires de Chicago e ao que condenou Sacco e Vanzetti.

Racionalismo humanitário

FRANCISCO FERRER Y GUARDIA
1º DE JUNHO DE 1907

Quando há seis anos tivemos o grandioso prazer de abrir a Escola Moderna de Barcelona, salientamos que o sistema de ensino seria racional e científico. Antes de mais nada desejamos advertir público que, sendo a razão e a ciência antídotos de todos os dogmas, na nossa escola não se ensinaria religião alguma. Sabíamos que esta declaração provocaria o ódio da casta sacerdotal e que seríamos combatidos com todas as armas que costumam empregar essas pessoas que só vivem de enganos e hipocrisias, e tanto sabem abusar da influência que lhe dá a ignorância dos seus fiéis e o poder dos governos. Mas quanto mais se nos falava da temeridade a que nos expúnhamos, pondo-nos tão francamente em frente da Igreja Imperante, mais alento sentíamos para preservar nossos propósitos, convencidos de que quanto maior é um mal e quanto mais poderosa é uma tirania, mais vigor devemos empregar para os combater e mais energia devemos gastar para a sua destruição.

O clamor geral levantado pela imprensa clerical contra a Escola Moderna, ao qual devemos um ano de cadeia, prova-nos que acertamos na escolha do método de ensino e nos dará, a todos os racionalistas, novos alentos para prosseguir na obra com mais ardor do que nunca e engrandecê-la, propagando-a até onde pudermos chegar.

Todavia, é preciso advertir que a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desaparecer dos cérebros o preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais está em oposição à emancipação intelectual dos indivíduos, não conseguiremos, só com isso, a prepara-

ção da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e também sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operários julgassem como certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com difundir conhecimentos sobre a higiene, sobre as ciências naturais e preparasse apenas bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados e bons trabalhadores em todos os ofícios, poderíamos muito bem viver entre ateus mais ou menos sãos e robustos, segundo o escasso alimento que podem permitir os mínguados salários, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do Capital.

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificulte a emancipação total do indivíduo e para isso adota o racionalismo humanitário que consiste em demonstrar à infância o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, com o seu conhecimento, poder logo combatê-las e opor-se a elas.

O nosso racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, quer sejam internas ou externas, combate a exploração do homem pelo homem, combate a rejeição em que se tem a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana, como por exemplo, a ignorância, a maldade, a soberbia e outros vícios e defeitos que dividem os homens em tiranos e em tiranizados.

O ensino racionalista e científico da Escola Moderna tem que abranger, com se vê, o estudo de tudo o que seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, mediante um regime de paz, amor e bem-estar para todos, sem distinção de classes nem de sexos.

Intelectuais e o Poder

RICARDO LÍPER (BAHIA)

Volto aos Intelectuais!
Não para dizer novidades, mas para constatar o óbvio.

Sei que muitos intelectuais já se deliciarão escrevendo grossos ensaios sobre o seu papel e importância. O tema, visto por eles mesmos, atinge ou uma complexidade que não existe ou reveste-se de mentiras propositalmente.

O problema concreto é a natureza reacionária — por si só — do comportamento intelectual. Herdando o saber de dominação de feiticeiros, sábios e padres do mundo antigo, eles fazem parte de uma nova casta cuja única finalidade é a autopreservação enquanto casta.

Ser intelectual é possuir saber que reveste-se em poder.

Fora disso não há mais nada a não ser ideologia tecida pelos próprios intelectuais para justificarem a sua existência e criarem um papel para eles na sociedade.

A mentalidade intelectualizada é aristocrática. Não admite democracia e a valde-

através da razão ou tendo-a como instrumento principal.

Todos que ou atingiram um tipo de verdade por outros meios ou a negam como sofistas e céticos são desprezados e ridicularizados.

Só o monopólio da verdade e a crença que ela existe, e ele a conhece, rouba as platéias dos místicos e dos mágicos.

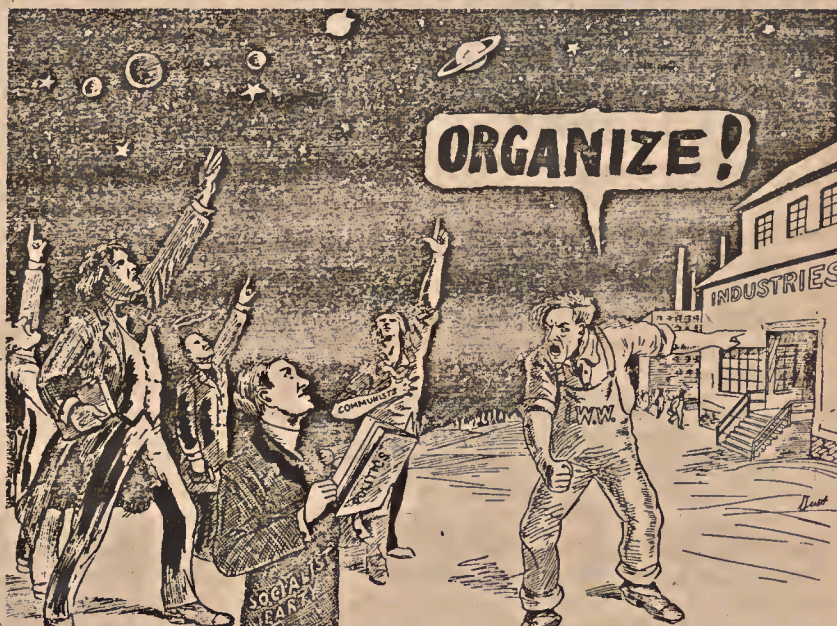
É com a burguesia que intelectualidade moderna surge. Por necessidade burguesa de interpretar o mundo. O Renascimento e o Iluminismo, respectivamente, fundamentaram a intelectualidade moderna. Com a burguesia ganhou a parada na história, os intelectuais saíram também vitoriosos e impuseram sua maneira de ver o mundo, isto é, as regras do jogo.

Substituíram mágicos e santos definitivamente.

A fonte de autoridade foi deslocada de Deus para os homens de razão.

Com o surgimento da decadência da burguesia e consequentemente o socialismo, a intelectualidade que era burguesa teve de se adaptar para sobreviver ao novo discurso social.

Surgiu um socialismo de intelectuais que se descartava da burguesia e assumia o controle do poder estabelecendo a forma de governo que sempre foi coe-



de dos reis é perfeitamente similar à validade dos sábios.

rente com as formas do saber: a ditadura.

Como é muito difícil o saber não se transformar em dominação, o papel do intelectual na sociedade é o suicídio. É despir-se da sapiência racionalista, dos enganos do saber e voltar às raízes populares que realmente movem a história.

Neste tipo de socialismo pequeno-burguês autoritário os intelectuais ocupam um papel de infinito destaque. Estão na cúpula.

Isto tudo é coerente.

A posse do capital deu à burguesia base para assumir o poder político resolvendo a contradição de possuir capital e não governar.

A posse do saber, que é capital, permite aos intelectuais resolverem a sua contradição que é possuir o tecnicismo do governo e não estar no poder.

O socialismo autoritário dá aos intelectuais o poder na forma mais coerente: a ditadura "do" proletariado.

O autoritarismo é essencial, ou melhor, sempre foi o pano de fundo da intelectualidade.

Daí, em termos de socialismo, ser necessário o suicídio da mentalidade intelectual. A recusa da autoridade do sábio.

Essa é uma das preocupações do Anarquismo. Na sua recusa da autoridade como um todo e em todas as suas facetas, fica claro que o intelectual nesta forma de socialismo deve reeducar-se tanto no ato da militância como ser impedido pelas estruturas sociais de criar um poder e tomá-lo.

Assim sendo, o intelectual se proletariza. Isto é, perde seu lugar de honra e passa a ser instrumento e não fim do processo social.

Porque a razão de ser dos intelectuais é possuir a verdade que foi atingida

O sonho, mal começou!

LÍDIO BARROS
(BAHIA)

Uma qualidade comum em toda juventude é a rebeldia, portanto ela tende a identificar-se com qualquer manifestação que exprima os seus anseios, lutas, gritos na ruptura com tudo que seja conservador, ultrapassado. A sua grande ansiedade é a mudança, o novo, a transformação.

JOHN LENNON, foi poeta-músico-cantor-compositor-político... GENIO-revolucionário-pacifista-rebelde, foi também muito humano.

A década de 60 foi muito agitada e John soube expressar os conflitos que nela ocorriam, então só poderia haver uma grande identificação entre ele e os jovens, até mesmo a sua volta foi em homenagem à juventude que o tornou mundialmente conhecido, ele soube agradecer... "estou falando para os carinhos que nos acompanharam através de tudo que enfrentamos, os carinhos dos anos 60 que sobreviveram — à guerra, às drogas, à política, à violência nas ruas, à toda essa bagunça da qual sobrevivemos, tanto que estou aqui falando para esses carinhos"...

Nove de outubro de 1940, Liverpool estava sendo bombardeada, às seis e meia da tarde num bairro pobre nascia John Lennon. O pai garçom, estava de serviço em um navio, em alto mar. Dezoito meses depois, Fred Lennon suspenderia a mesada que mandava para sua mãe Júlia através da companhia de navegação; além de garçom Fred era cantor a bordo, como ele mesmo contava através de cartões postais. Encontrava-se desaparecido, ninguém dava notícias dele, soube-se mais tarde que havia sido preso por arruaças, acusado de furto e também de contrabando. Fred não conhecia o filho e Júlia passou a viver com outro homem, sua tia Mimi ofereceu-se para criá-lo em boa hora. Júlia tocava banjo e ensinou a John, mais tarde lhe daria uma guitarra de segunda mão.

Sua infância foi bastante agitada, era uma criança diferente: aos cinco meses de escola já lia e escrevia, ia ao catecismo e cantava no coro de igreja; aos sete começou a escrever uma série de livrinhos que chamou de "Sport, Speed and Illustrated": piadas, caricaturas, desenhos, fotografias e recortes de estrelas de cinema e jogadores de futebol, adaptações de "Alice no País das Maravilhas", poemas e novelas.

Na escola foi um fracasso, brigão... "Eu queria ser líder", indisciplinado, eterno gozador, tinha uma turma de colegas demolidores; chegou a ficar na categoria C (na época correspondendo aos excepcionais, quase mongolóides). Professores e pais o detestavam, era o terror que enfrentava reitores e autoridades escolares com um sorriso debochado no canto da boca, mais tarde ele diria... "gente como eu tem consciência do seu chamado gênio aos dez, oito, nove anos. Sempre quis saber porque ninguém percebeu isto. Será que na escola não viam que eu era mais inteligente do que qualquer um? E que os professores eram uns idiotas? E que tudo que eles tinham para dar eram informações absolutamente inúteis?"

Aos 17 anos tem sua primeira experiência com drogas, frequenta a Escola Secundária e mais tarde o Centro de Artes de Liverpool. Funda uma banda de nível amador, paulatinamente vai eliminando seus acompanhantes até encontrar com Paul e George (The Quarrymen), sua ambição "tinha de ser milionário". Alguns anos mais tarde casa com Cynthia, a mãe de Julian. O conjunto já estava mais sério, Paul divide com John a tarefa de arranjar show pagos. John convida seu amigo Stuart Strcliffe para tocar baixo, The Silver Beatles, consegue um contrato para acompanhar Tony Sheridan em Hamburgo. Voltando a Liverpool, Pete Best é substituído por Ringo, antes disso, Brian Epstein (rico dono de loja de discos), impressionado pela procura do compacto "My Bonnie" resolve vê-los ao vivo no Cavern Club. fica fascinado e resolve contratá-los, The Beatles. O sucesso era inevitável, a função de Brian era canalizar comercialmente a energia fascinante dos besouros; só não conseguia domar John que continuava cada vez mais irreverente... "vocês da geral marquem o ritmo batendo palmas. E vocês das poltronas, basta sacudir as jôias". Londres-63. Royal Variety Show, na presença da Rainha e do Príncipe da Grã-Bretanha. Os sucessos não paravam, estavam em todas Hit Parades, batiam recordes de

vendagem, criaram modas, mudaram o comportamento dos jovens no seu jeito de vestir, falar, amar, de forma surpreendente; revolucionaram a música pop: com arranjos e experiências musicais possibilitando uma explosão de novos grupos em todo o mundo; abriram a cabeça de uma geração, a ponto de Lennon dizer "somos mais populares do que Jesus Cristo". Tornaram-se milionários e famosos, mas não seguraram a barra e o pior ou melhor aconteceu: no auge do sucesso, em 29 de agosto de 66 os Beatles começava a acabar — seu último concerto ao vivo — um ano após morre Brian Epstein. Em 68 John deixa Cynthia e encontra Yoko, era a gota d'água, embora eles continuassem a gravar (por causa do contrato até 1970).

"... A Insegurança leva o homem à violência, à guerra. Se o homem procurasse o equilíbrio primeiro dentro de si mesmo, não haveria metade dos problemas que existem no mundo... eu e Yoko vamos enfrentar os inimigos do homem, aqueles que fazem as guerras. Sabemos que, com isso, corremos o risco de sermos ASSASSINADOS... os jovens que se opõem aos velhos e à estrutura que eles representam serão os velhos de amanhã. É preciso mudar todos os dias e, acima de tudo, livrar-se da sociedade..." John: 66, 69.

JOHN LENNON, foi tão importante a ponto de conseguir que 60 mil pessoas fizessem um abaixo-assinado contra sua deportação dos EUA, sem ele mover um dedo, sem pedir para que seus fãs e amigos o fizessem.

"Fico muito orgulhoso em ser O Palhaço do Ano, num mundo em que a gente séria está matando e destruindo em guerras como a do Vietnã".

"O sonho acabou, vamos encarar a realidade"... "Um rei sempre acaba sendo morto por seus cortesãos"... "A felicidade é uma arma quente".

John e Yoko brilharam, porque sua força foi o amor. Sua última mensagem foi de esperança, façamos como ele o nosso sonho começando de novo.

"TUDO QUE VOCÊ PRECISA É DE AMOR... DÊ UMA CHANCE À PAZ".

John Lennon foi necessário por toda luta que travou para vencer, na beleza de suas poesias a marca de um mundo cada vez mais desumano e do jeito como ele nos deixou, não é uma vitória dos exércitos azuis, não. Nós sabemos que ser sonhador não é um crime e o mais importante é que possamos repetir a frase de Yoko: "SÓ AS PESSOAS PODEM TRANSFORMAR O MUNDO"; nós temos que continuar "os jogos mentais" e renascer.

John Lennon foi um dos maiores contestadores do século, em suas canções o brilho cristalino de uma consciência crítica do rock'n'roll: em God crítica os dogmas metafísicos "eu não acredito em magia, Jesus, Buda, Elvis, Beatles"... em Mother a psicanálise "mãe, você me teve mas eu nunca tive você"... chegou a discutir a luta de classes em Working Class Hero "eles dopam você com religião, sexo e TV, depois se você não consegue funcionar, fica chelo de medo" e mais uma tacada nos políticos em Gimme Some Truth "eu tenho lido bastante coisas de neuróticos-psicóticos — com cabeça de porco"... feminismo em Woman Is the Nigger of the World; incita rebeldias Atica State (Uma prisão estadual nos EUA); defendeu proscritos John Sinclair, Angela (Angela Davis); bradou pela força do povo Power to the People; criticou a dominação inglesa na Irlanda "vocês porcos ingleses e escoceses/que foram mandados para colonizar o Norte... como vocês ousam aprisionar/um povo orgulhoso e livre /que a Irlanda fique com os irlandeses, e a Inglaterra volte pro mar" Sunday Bloody Sunday; em Imagine uma das melodias/poesias mais revolucionárias: "Imagine que não existem países/não é muito difícil/não existe nada pra você defender/matando ou morrendo/e também não existe religião/Imagine todas as pessoas/vivendo sua vida pacificamente/Imagine que não existe propriedade/Imagine todas as pessoas/dividindo todo o mundo/espero que um dia você se junte a nós/e o mundo todo será uma coisa só" finalizamos com uma explosão de amor e otimismo por um mundo melhor, Mind Games "O amor é a resposta, você sabe muito bem disso/o amor é uma flor que você precisa deixar crescer".

Nós vamos em frente John, pois "ninguém pode derrotar os guerrilheiros mentais um lugar absoluto nas pedras do pensamento".



DE

NUTOPIA

«Nós anunciamos o nascimento de um país ideal, Nutopia. A cidadania do país pode ser obtida pela declaração de seu conhecimento de Nutopia. Nutopia não tem terras nem limites, nem passaportes, apenas pessoas.

Nutopia não tem leis a não ser as cósmicas. Todas as pessoas de Nutopia são embaixadores do país.

Como dois embaixadores de Nutopia, nós pedimos imunidade diplomática e reconhecimento nas Nações Unidas, do nosso país e seu povo».

YOKO ONO LENNON
JOHN ONO LENNON
1973

Eu não quero ser um soldado mamãe, eu não quero morrer.

Bem, eu não quero ser um soldado mamãe, eu não quero morrer
Bem, eu não quero ser um marinheiro mamãe, eu não quero voar
Bem, eu não quero ser um fracasso mamãe, eu não quero chorar
Bem, eu não quero ser um soldado mamãe, eu não quero morrer
oh não, oh não, oh não, oh não
Bem, eu não quero ser rico mamãe, eu não quero chorar
Bem, eu não quero ser pobre mamãe, eu não quero voar
Bem, eu não quero ser advogado mamãe, eu não quero mentir
Bem, eu não quero ser um soldado mamãe, eu não quero morrer
oh não, oh não, oh não, oh não
Bem, eu não quero ser um mendigo mamãe, eu não quero morrer
Bem, eu não quero ser um ladrão mamãe, eu não quero voar
Bem, eu não quero ser um diácono mamãe, eu não quero chorar
Bem, eu não quero ser um soldado mamãe, eu não quero morrer
oh não, oh não, oh não, oh não

I don't wanna be a soldier mama I don't wanna die.
JOHN LENNON, Imagine, 1971

GOD

(Dream is Over)

Deus é um conceito pelo qual nós medimos nossa dor
Eu não acredito em mágica
Eu não acredito na Bíblia
Eu não acredito no Tarot
Eu não acredito em Hitler
Eu não acredito em Jesus
Eu não acredito nos Kennedy
Eu não acredito em Buda
Eu não acredito em Mantra
Eu não acredito em Gita
Eu não acredito em Yoga
Eu não acredito nos reis
Eu não acredito em Elvis
Eu não acredito em Dylan
Eu não acredito nos Beatles
Eu só acredito em mim e em Yoko

Esta é a realidade
O sonho acabou
O que é que eu posso dizer
O sonho acabou
Ontem eu era um fazedor de sonhos
Mas agora é assim
O sonho acabou
Eu era uma personagem
Agora eu sou John
Então meus amigos
Nós temos que continuar
O sonho acabou.

JOHN LENNON

ALMA EXISTE E AGE

E. BRIAREU & J. J. FOSTIN (RIO)

O INIMIGO DO REI — encontrou-se com a Alma (Associação da Moradores da Lauro Muller e Adjacências). De uma conversa com Pedro Porfírio resultaram informações de interesse para os que acompanha, a ação das organizações de bairros.

A Alma após vinte e cinco mutirões pelo custo de vida, em que mobilizou cooperativamente parcela apreciável de moradores, resolveu suspendê-los provisoriamente e substituí-los pelo Varejão da Ceasa, feira de produtos hortigranjeiros, carnes verdes e peixes, que se realiza semanalmente no próprio bairro, oferecendo alimentos de qualidade a preços 20 por cento mais baixos do que os das feiras livres. Além do preço favorável e da possibilidade de escolha do produto diretamente pelo comprador, uma parcela muito maior do bairro é favorecida com o Varejão.

Em votação direta, recentemente efetuada, a esmagadora maioria da população de Lauro Muller se manifestou favorável à continuidade da experiência. Entretanto, se para o futuro o experimento resultar insatisfatório voltarão a funcionar os mutirões.

ESCOLA PARA A COMUNIDADE

Será possível admitir que um bairro populoso, como a Lauro Muller, situado quase no coração de Copacabana, não tenha escola que atenda à população de faixa etária de 7 a 14 anos, obrigada a se deslocar para outros bairros enfrentando problemas de tráfego, distância e tempo?

Entretanto a escola existe, isto é o edifício escolar. Porfírio mostrou ao INIMIGO DO REI, entre irônico e indignado, um belo prédio, de linhas até modernas, indevidamente ocupado por órgão de administração municipal, de função exclusivamente burocrática. É o sinal de um país que continua indo para frente...

Um grupo de comportados moradores dirigiram ofício ao prefeito, sabendo de antemão, como acontece nesses casos, que ele terá acolhida afetuosa no fundo de uma gaveta.

A próxima etapa será bem menos ortodoxa, os moradores irão ocupar pacificamente as dependências do prédio. E em ato típico de Ação Direta irão instalar salas de aula, provocando um impacto nos meios de comunicação e forçando a solução definitiva do problema.

CONSTRUINDO CASAS NA "MARRA"

Há suposição falsa de que a totalidade da Associação de Moradores seja composta por pessoas da classe média. Entretanto há um segmento dos mais importantes da classe proletária, situando na Vila Benjamin Constant. Ela se formou a partir da ocupação gradativa dos terrenos do Estado situados nos fundos do Instituto Benjamin Constant, que atende às pessoas cegas. As construções foram surgindo gradativamente desafiando lei e poderes constituídos por uma imperiosa necessidade de ter um teto, abrigo e local para descansar o corpo nos fins dos dias de trabalho estafante. Uma ponta de consciência do direito de ter onde morar deve ter brotado na cabeça dos primeiros que resolveram desafiar o famoso direito de propriedade estatal. Hoje a vila cresceu porém carece de luz própria, canalização de água, além de não-existência dos títulos de propriedade das construções. Entretanto essa população perfeitamente integrada nos princípios autogestionários da



Pedro Porfírio prova que a ALMA não só existe como age

Alma, estão pressionando para que a Light instale luz direta e a Cedag resolva o problema da água.

ESMORECE A ALMA?

De uns tempos para cá tem surgido muitas lamentações quanto há uma queda na Intensidade das atividades comunitárias e mesmo de que algumas deliberações tomadas no I Congresso não foram postas em prática.

É Pedro Porfírio quem esclarece, afirmando que após a construção do Shopping Center Rio nas imediações da Lauro Muller, houve uma acentuada elevação nos aluguéis dos apartamentos do bairro, ocasionando a mudança de várias famílias, que por coincidência eram das mais ativas nas lutas comunitárias. Consequentemente há um esmorecimento até que possa surgir pessoas suficientemente ativas que venham preencher as lacunas atuais.

Há muitos projetos que estão em compasso de espera como o Cine Clube, o Centro de Estudos, a Biblioteca, mais por falta de um local apropriado para suas realizações, do que por falta de dinamismo dos associados. Agora mesmo parece que o problema vai ter solução definitiva, pois a Escola de Enfermagem situada no bairro irá ceder seu auditório para realização das atividades culturais da Alma. Enquanto o fato não se concretiza o Grupo Teatral está ensaiando mesmo ao ar-livre e à noite...

UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIOS: AUTOGESTÃO E ANTI-AUTORITARISMO

Ultimamente tem surgido uma série de acusações consubstanciadas num pressuposto elitismo da Alma e de seus associados. É ainda Pedro Porfírio, quem desfaz dúvidas, afirmando que a recusa em participar de manifestações do tipo "Contra a Carestia da vida" é por

que essa ação, além de ser manipulada, sem originalidade, se esgota no próprio ato em si. Nos dias subsequentes a carestia continua o seu reinado, cada vez pior, e o ato cai num vazio total e inútil. É de opinião que todos os movimentos comunitários devem propor soluções concretas para aqui e agora, lutando na prática por sua realização. O lema é: grite contra a escuridão porém acenda uma vela.

Há também uma ostensiva repulsa à ingerência política na Alma, venha de onde vier. Muito "picareta" político governamental ou da oposição que tentou fazer da Associação uma escada para seus propósitos teve que bater em retirada. A negativa às decisões centralizadas, às ordens vindas dos poderosos e cúpulas, aos que pretendem fazer da Alma correa de transmissão de seus desígnios de vida, é um dogma.

As inúmeras Associações de Bairros que funcionam no Rio de Janeiro, na grande maioria, apresentam seus cacetes autoritários. As diretorias deixam-se influenciar pela cooptação ativa das estruturas do poder político vigente, outras altamente inoperantes funcionam apenas como um carimbo. Cumpre por outro lado não confundir a diretoria de meia-dúzia de burocratas com os associados. E isso é uma questão de justiça, pois o povo das bases é que é realmente a parte ativa e sadia dos movimentos comunitários.

A Alma também tomará brevemente a decisão de não mais cobrar mensalidade de seus associados. A verba para seu funcionamento será obtida através de festas, doações voluntárias etc. O objetivo é acabar com um setor burocrático que exigia um trabalho insano e antipático de alguns associados. Além do mais tem o objetivo de neutralizar os que achando que pagando uma simples mensalidade têm o direito de exigir de outros a prestação de serviços.

O INIMIGO DO REI ao encerrar a conversa com Pedro Porfírio ficou convicto de que realmente a Alma existe e é bem concreta.

COMPRE JÁ!

1) «Libertários?!», de Nicolás Walter. Editora «A»; 102 pp.; Cr\$ 100; Porto Alegre 1980.

— Este livro está à venda na Livraria Literarte, em Salvador. Para outros Estados, pedir à Caixa Postal: 10.563; Cep 90.000; Porto Alegre (RS).

2) «Organismo Econômico da Revolução (A Autogestão na Revolução Espanhola)», de Diego Abad de Santillán (prefácio de Maurício Tragtenberg). Livraria Brasileira Editora; 234 pp.; Cr\$ 380; São Paulo 1980.

3) «Um Ensalo sobre a Revolução Sexual», de Daniel Guérin. Livraria Brasileira Editora; 192 pp.; Cr\$ 290; São Paulo 1980.

— Os livros «2» e «3» estão à venda em todas as livrarias do país.

Estudantes sem eiras nem bandeiras

ADAURI BASTOS (RIO)

Por falta de novidades, vou dizendo que o Rio de Janeiro tem escolas superiores (superiores a quê?), onde os alunos pouco estudam e adoram meter o pau no decano, no reitor e no Presidente da República (e com toda razão!).

Pois bem, num desses "recantos do saber", duas figuras meio desgarradas do "Movimento Estudantil e pouco afeitas às aulas, entraram num velho papo de que a vida tava muito parada, dentro e fora da escola, mas que o lance não era ficar de braços cruzados, alguma coisa podia se agitar. Mas, o quê?

Enquanto refletia, o casal passeava pelos corredores frios do prédio desbotado do Centro de Ciências Humanas, quando apareceu o coordenador do curso de Sociologia (ou Engenharia? não sei direito), com sua barba-guiña, flácida, seu caminhar cansado, e um jovem mancebo, secretário-geral do Centro Acadêmico de alguma "logia", com o corpi-

nho retesado, em marcha; ambos decadentes e envelhecidos... diante desses últimos, nossas duas pessoas se sentiram com sangue vivo jorrando na veias, numa viagem maravilhosa pela década de oitenta (que merda de vida! quem consegue viver o presente inevitavelmente se encontra na frente de um porrião de gente).

Mas, voltando ao que tentei dizer antes e me perdi, os dois decidiram chamar mais gente pra ver se armavam alguns trabalhos paralelos, onde se pudesse transar o que na escola não tinha coragem de mostrar ou assumir, sobre o curso e com respeito à vida pessoal de cada um. Foi fácil encontrar gente entusiasmada com a idéia, muitas foram as sugestões que pintaram rapidinho, num lindo explodir de energia guardada por muito tempo. E com pouca verbalização, mas com carinho, olhares apalxonados e sorrisos afetuosos, eles foram armando o quebra-cabeças devagarinho.

Ih, rapazi! as lideranças estudantis (que adoram enganar as pessoas) ficaram putas

com a "Iniciativa privada dos porra-foucas anarquistas". Quem disse certo foi o ministro da Justiça do Centro Acadêmico: "esses filhos da puta trabalham pro Golbery e tão querendo esvaziar nossos atos públicos e nossas assembléias sérias, com essa programação alienada!" (Isso mesmo, xará, dá-lhes porrada!).

O reitor e seus comparsas não deram a mínima, nem ajudaram, nem atrapalharam, simplesmente não acreditaram que "alguns baderneiros irresponsáveis e maconheiros" pudessem fazer alguma coisa de concreto.

Mas a badaladíssima "massa" se sensibilizou com a transa toda, se sentiu dona do projeto e se meteu a fazer e a divulgar aquele barato novo que tava pintando. Ai, os opositores, invejosos ou descrentes, se calaram... (Peraí, né, eles não são tão burros como a gente imagina! Durante uma semana de agites eu estive lá e vi gente como formiga ativamente (a palavra é essa) as atividades, que corriam felizes e renovadoras, falando bem perto do coração das pessoas.

Teve um dia que juntou mais gente (transou-se drogas ou sexualidade, não lembro) e o presidente do DCE subiu numa mesa pra dizer que a "sua entidade" (me pareceu que ele falava de uma empresa sua e de uns pucos sócios, Cia. Ltda.) se sentia orgulhoso do que estava acontecendo naqueles dias e que se dispunha a colaborar no que fosse necessário para que o evento se repetisse sempre. (Me cochicharam no ouvido que as eleições para o Diretório Central seriam no mês seguinte). Ninguém aplaudiu, ninguém falou, o discurso ficou solto no ar, morreu por falta de autenticidade...

"Pô, bicho, tava afinsão de me mandar da escola, mas me dava medo de cair no vazio lá fora. Com esses baratos que a gente agitou tô vendo que o lance é cada um cuidar da própria formação, ser auto-didata. Vou dar um chute nos culhões da escola, vou transar a minha matrícula e vou aprender com o mundo", comentava alguém lá atrás. Então eu gritei do meu canto: "Falou, maninho, isso mesmo!"

“Minorias” e a luta socialista

IHERING GUEDES (BAHIA)

Na busca de definir um referencial para a discussão das alternativas de organização política no aqui e agora no Brasil, faz-se necessário a compreensão das leis fundamentais no atual estágio do modo da produção capitalista (MPC) e de suas especificidades no locus brasileiro.

O que pode ser alcançado pela vereda no sentir/compreender as leis fundamentais do MPC insubstituível na definição de uma estratégia, de ação individual/coletiva, como pelo viés das especificidades de nossa formação social, o que apresenta-se como indispensáveis no processo do sentir/compreender a problemática sócio-econômica brasileira no momento de definição de táticas para uma praxis política.

Como o objetivo aqui é de uma tentativa de análise das organizações políticas, sem entrar em sua particularidades, ficaremos no nível mais geral, isto é a nova dinâmica do MPC.

Mas o que tomamos como objeto de reflexão, não é aquele (MPC) abordado por Marx em sua fase concorrencial, período no qual a máquina não havia ainda sofrido a sua mudança qualitativa, tinha sido simplesmente criada. Onde ser incapaz de oferecer em sua devida magnitude o fetiche do “consumo individual”, o que mais tarde foi conseguido por Marcuse, embora que o “consumo coletivo” ao tenha sido conseguido por George Bataille em “A Parte Maldita”, onde propõe uma verdadeira “mudança copernicana” das concepções econômicas básicas.

Período que dentro de sua tremenda complexidade as coisas resultam paradoxalmente simples.

De uma parte a mais-valia, a propriedade dos meios de produção, o fetiche da mercadoria e o capitalista. De outra, o trabalho alienado, a repressão, as jornadas de 14 horas e o surgimento da solidariedade de classe.

É que nos parece ainda ser o substrato, no qual fração significativa da “esquerda” marxista ainda utiliza em suas análises, sejam econômicas ou políticas, tanto nos seus aspectos estruturais como conjunturais.

Também não tomamos como objeto de reflexão o período do MPC em que aparecem os monopólios como características dominantes, mas conservando durante certo tempo as superestruturas próprias do capitalismo concorrencial ou liberal (intervalo de transição analisado por Hilderding) (1880-1929).

E muito menos ainda o período em que as superestruturas do modo de produção se adequam à base econômica monopolista (capitalismo monopolista de Estado: Alemanha nazista, a Itália fascista, o New Deal americano etc.).

Mas sim, o estágio de passagem/consolidação da fase monopolista à fase internacional monopolista, a qual Fioravanti acredita corresponder a dois momentos: 1. O capital se internacionaliza pela situação em que fica o mundo capitalista da Segunda Guerra Mundial, quando os monopólios americanos os mais fortes nesse momento, rompem suas barreiras nacionais com a ajuda de seu Estado e penetram nos antigos centros imperialistas, e que para o Brasil, percebe-se de forma cristalina nos anos subsequentes ao término da Guerra da Coreia. Quando estabelece-se a base econômica de uma nova fase do MPC, persistindo no obstante uma inadequação entre dita base e as superestruturas que seguem correspondendo à fase monopolista desenvolvida (existência de formas político-jurídicas e ideológicas próprias ao capitalismo monopolista de Estado).

E, é precisamente esta nova adequação que permite a Fioravanti, falar de uma nova fase do MPC. 2. O período de transição levaria a uma nova adequação base-superestrutura, o que foi chamado de capitalismo monopolista internacional (onde dá-se a fusão do capital financeiro com o capital público). A consolidação desta fase estaria caracterizada pelo fato que as formas econômicas próprias aos monopólios internacionais estariam em correspondência com formas político-jurídicas e ideológicas internacionais, o que se busca freneticamente no Brasil, pós o golpe de 64, gerando uma forma de Estado e de consciência social dominante claramente anacional.

Embora não possamos confirmar uma consolidação do capitalismo monopolista internacional, pois identifica-se um período de transição no qual domina no terreno econômico o capital internacional, mas no qual se mantêm contradições nacionais a nível de oposição entre o capital e o trabalho, o que exige para o capitalista a manutenção dos aparatos de Estado Nacional.

O colocado até o momento, apenas destaca a necessidade do entendimento das leis fundamentais do capitalismo monopolista internacional (CMI) o que isolado nos levaria àquela situação ilustrada por Maitaille na qual sendo necessário mudar a roda de um veícu-

Organizações de «minorias» e o redimensionamento da luta por uma sociedade libertária.

lo, abrir um abcesso, ou arar uma vinha, é fácil obter bom resultado em uma operação bem limitada. Os elementos sobre os quais se verifica a ação não estão inteiramente isolados do resto do mundo, mas é possível agir sobre eles como se estivessem, a operação pode ser completada sem que em instante algum se tenha necessidade de ter em vista um conjunto, no qual, no entanto, a roda, o abcesso ou a vinha são partes solidárias. As mudanças realizadas não modificam sensivelmente o resto das coisas e a ação incessante do exterior não tem efeito apreciável sobre a conduta da operação. Entretanto a situação é diferente se temos em vista uma atividade econômica importante.

E que por não conceber um fracionamento isolacionista das formações sociais particulares na luta pela construção pelo socialismo é que recorremos ao entendimento das diferentes evoluções nos estágios dos modos de produção capitalista ao modo de produção socialista, o que tentamos através da utilização de um esquema de Fioravanti bastante elucidativo.

ESTÁGIOS

Os diferentes estágios do MPC ao MPS:
1) Ocidente (EUA, Europa Ocidental e japão): CC (b.l.) — CM (o.f.) — CME (o.f.e.) — CMI (m.l.) — ruptura — MPS.
2) Oriente (URSS, China e países “socialistas”): CC (f.p.p.) (b.d., n.f.) — ruptura



— CE (d.p.c.) — CE (i.) — ruptura — MPS.
3) Países capitalistas dependentes: CD (f.p.p.) (b.d.) — CE (d.) (b.e.) — CMI — ruptura — MPS.

O que se pode ler da seguinte forma, no Ocidente de um capitalismo concorrencial (CC), com a hegemonia da burguesia industrial (b.l.), evolui para um capitalismo monopolista (CM), com o domínio da oligarquia financeira (o.f.), para em seguida concretizar-se uma fusão de interesses da oligarquia financeira (o.f.) com os burocratas estatais (e.) em um capitalismo monopolista de Estado (CME), para finalmente desaguar em um capitalismo monopolista internacional, onde sobre a hegemonia dos monopólios internacionais dá-se a fusão com o capital público, dos diferentes países ocidentais.

No Oriente, partindo de um capitalismo concorrencial onde identifica-se relações de produção pré-capitalistas (f.p.p.) com a hegemonia de uma burguesia dependente (b.d.) aliada à nobreza feudal (n.f.), incapazes de concretizar o papel historicamente exercido pela burguesia, o que é conseguido sobre a direção/domínio dos partidos comunistas (d.p.c.), viabilizando desta forma um capitalismo de Estado, no qual já identifica-se uma tendência à internacionalização de sua produção (i.), que num primeiro momento incorpora apenas os “países socialistas” para num segundo estágio incorporar também os países capitalistas do Oriente. Onde permanece bastante evidente a existência da luta de classe, como também o objetivo de edificar uma sociedade socialista no seio da classe trabalhadora.

Donde ser os aliados naturais daqueles que almejam/lutam por uma sociedade igualitária, não os burocratas dos partidos comunistas da vida, e sim aqueles que explorados, mantêm intransigentemente seu objetivo de construir o socialismo; aos burocratas que exercem plenamente seu papel nos corredores do poder, da exploração e da opressão juntamente com seus aliados ocidentais, os detentores do capital, do Estado e de outras mazelas.

Finalmente os países capitalistas dependentes/atrasados/subdesenvolvidos ou outra expressão qualquer, entre os quais julgamos inserir-se o Brasil.

Consideramos como ponto de partida um capitalismo dependente (CD), onde as forças produtivas apresentavam um desenvolvimento típico da fase pré-capitalista (f.p.p.) com a hegemonia de uma burguesia dependente o que evolui até um capitalismo de Estado para

rapidamente tomar as características de um capitalismo monopolista Internacional, deixando como subsidiário uma fração do capital inserido ainda em um contexto concorrencial.

Donde acreditarmos que, parodiando Rita Lee, o momento não é de “remar num barco furado contra a maré”, pois a perspectiva é de se lutar pela construção do socialismo e não pela construção de um capitalismo de Estado, embora muita gente “bem intencionada” entre neste barco.

E por aqui se vislumbra a estratégia de ação/condução/luta individual/coletiva pela construção do socialismo, a qual não pode deixar de integrar-se horizontalmente com a luta de todos os oprimidos e explorados, seja na Polônia, nos EUA ou no Brasil; pois tal luta não é um confronto entre blocos de “países capitalistas”, mas sim uma luta entre explorados/oprimidos x exploradores/opressores.

Feitas tais colocações a respeito do atual estágio do MPC, não buscaremos entrar em detalhes de suas leis fundamentais e nem nas especificidades da formação social brasileira (o que poderá ser feito em outro momento, para que possamos enfatizar o tema que nos interessa).

A discussão acerca das organizações políticas convergem a um ponto, seja os anarquistas — aqueles historicamente vinculados a uma prática anarcosindicalista (embora não

necessariamente), seja a “esquerda marxista-leninista”, seja a “igreja progressista”, é a necessidade de organização da classe trabalhadora. A alternativa anarquista preocupada com suas organizações, isto é, a organização dos trabalhadores de forma radicalmente classista e que em sua totalidade adequou plenamente a prática àquela fase MPC que nos referimos como concorrencial. E que no momento (dado a manutenção da contradição entre o capital e o trabalho, embora que em alguns casos de forma bastante sutil) tem atualidade como proposta de organização no local de trabalho pelos seguintes motivos:

i) Pela posição ferrenha ao sindicalismo corporativista, como ao sindicalismo parlamentar, simultaneamente com a repugnância aos aparatos de Estado, conseguindo transcender a luta dos trabalhadores sindicalizados, do exclusivamente econômico, para o estritamente revolucionário; ao ver a organização dos trabalhadores como células das futuras organizações dos trabalhadores e da produção no novo sistema.

ii) Pela sua tradição antiautoritária, não exercendo o papel de inibidor do surgimento de alternativas paralelas de organizações revolucionárias heterodoxas, produto próprio da atual fase do MPC, tais como: as organizações de feministas, de homossexuais, de negros, de ecologistas etc., as quais em ausência julgamos estritamente revolucionárias. A alternativa marxista-leninista, umbilicalmente ligada à concepção de partido de vanguarda revolucionária, de caráter claramente autoritário, destaca-se pela capacidade de organizar seus aparelhos.

Prática que o advento da revolução Russa, torna-se o paradigma das organizações; tornando-se hegemônica, principalmente sua variante “stalinista”, sempre acompanhada com críticas “cosméticas”, da variante “trotskista”.

E que no momento, seu grande argumento, é o poder de destruição acumulado na URSS e seus satélites, ou mesmo na China.

Finalmente a esquerda cristã, que no Brasil, praticamente restringe-se à esquerda católica, a qual apresenta atualmente uma grande identificação com organizações políticas heterodoxas, nas quais leva uma prática pouco centralizada e aparentemente pouco autoritária.

É o grande acontecimento político do país nos últimos anos, em outras palavras, é praticamente a única “oposição” organizada destas terras tropicais.

Dai perguntar-mo-nos: qual das três opções responde aos anseios de uma estrutura de organização revolucionária no atual estágio do MPC?

A primeira de forte tendência libertária, ou as duas últimas, completando-se em seus autoritarismos em todos os níveis.

Enquanto a alternativa autoritária, objetiva o desmoronamento do Estado burguês, com a consequente implantação de uma ditadura do proletariado, a qual viabilizará um período de transição ao socialismo, que para desespero dos “marxistas” gerou o “socialismo” que aí temos (isto para alguns, pois para a maioria tudo bem).

A alternativa libertária, não é contra o Estado burguês, desajetiva-o e é contra o próprio Estado (o qual julga ser autoritário em todas as suas formas), simultaneamente é contra seus aparatos, tais como: família, igreja etc., os quais são essencialmente autoritários, e portanto incompatíveis com a opção libertária.

Pois entende-se que a integração do aparelho estatal, com suas instituições de apoio é imprescindível para a manutenção do status quo vigente, principalmente na fase atual do MPC, quando a máquina começa a alterar pela segunda vez o campo de forças, no qual o objetivo não é mais apenas a escravidão dos braços, o que não resulta suficientemente produtivo toda vez que a classe trabalhadora adquire uma progressiva consciência de sua força, a meta prioritária é o submetimento do cérebro.

FRENTE DE LUTA

Dai acreditar-se que na luta contra autoritarismo, seja nas sociedades capitalistas, seja nas “socialistas”, a necessidade da existência de um front de luta contra tais aparatos.

O que poderá até mesmo superar as limitações de uma visão dicotômica da luta de classe, com o consequente confronto da ideologia burguesa x ideologia proletária, hoje um tanto quanto difícil de se perceber dado a hegemonia de uma ideologia dúbia e altamente interessante às classes dominantes, que é a ideologia pequeno-burguesa, com a qual somos diariamente bombardeados seja pelo “efeito demonstração”, seja pelos meios de comunicação de massa, utilizados como arma de grande eficácia na dita luta de classe travada diariamente.

Como também a superação de uma perspectiva nacionalista da luta, perspectiva esta que é justificada por Arghire Emmanuel, ao fazer uma análise marxista das trocas internacionais onde utiliza a teoria do valor trabalho e chega a identificar uma contradição entre os trabalhadores dos países capitalistas avançados e dos países capitalistas atrasados, donde ir para o brejo qualquer proposta internacionalista de transformação da sociedade.

Colocado isto podemos entender/perceber o significado de toda uma explosão de organizações políticas que se firmam no cenário internacional, como o nacional, tendo como motivo aglutinador, a luta por direitos específicos, e muitas vezes extra-classes; nestas incluem-se as organizações feministas, de ecologistas, de negros, de homossexuais etc.; que identificam novos interesses não antagônicos numa perspectiva internacionalista de suas lutas. As quais, por seus membros receberem de forma mais direta a opressão do sistema ou terem consciência dos cerceamentos às suas livres opções, poderão (não quero dizer que estejam) desencadear o ataque de forma objetiva e contundente aos núcleos geradores da ideologia autoritária.

O que pode ser entendido como uma das contribuições mais válidas contra o autoritarismo em suas mais diversas nuances, pela edificação de uma sociedade libertária.

E que não precisam submeterem-se a organizações políticas tradicionais, para adquirir um caráter revolucionário.

Não significa isto contudo, que o espaço da luta tenha simplesmente se alterado, da tradicional luta economicista, com os já surrados sindicatos reformistas; para o simplesmente superestrutural — por intermédio da viabilização de suas lutas específicas.

Mas muito pelo contrário.

Pois ao apresentar como sua característica mais distintiva, a prioridade a suas lutas específicas, normalmente vinculadas a um confronto com algum aspecto da ideologia autoritária; redescobre o campo de confronto entre opressores e oprimidos na sua devida dimensão.

Rejuvenescendo o discurso revolucionário, e que nada impede de influir em outras organizações políticas comprometidas com o processo de construção de uma sociedade libertária; como a organização dos trabalhadores em seu local de trabalho de forma independente e autogestionada.

Somando forças e não submetendo uma a outra no processo de construção de uma sociedade libertária.

“Antes pereça o governo revolucionário do que um princípio”

JEAN VARLET

«Pode pertencer-se a um partido em que se «acredita»; nun ca, porém, a um partido onde se raciocina».

PIERRE — JOSEPH PROUDHON

COMUNISTAS ALIAM-SE À DIREITA

O EXTREMISTA DE DIREITA JOAQUINZÃO É APOIA DO PELO PCB E MR-8

COLETIVO LIBERTÁRIO METALÚRGICO (SP)

Depois da grande greve de 41 dias, de São Bernardo, todos estavam com os olhos nos metalúrgicos de São Paulo.

É a maior categoria de trabalhadores do Brasil, é o maior sindicato da América Latina.

Em 78 houve uma greve geral de 2 dias. Em 79 durou 11 dias. Esse ano, após a lição de São Bernardo se esperava uma grande luta.

Mas o que vimos?

Uma luta que não aconteceu.

Não houve nada. A única coisa que o público, os não-metalúrgicos, tomaram conhecimento foi de grandes pancadarias em assembleias vazias de duas mil, três mil pessoas. Só...

Por que aconteceu isso?

Os metalúrgicos de São Paulo têm uma diretoria pelega. Feita de interventores colocados à cabeça dos sindicatos pelos militares em 64. É uma diretoria que sempre está do lado do patrão, sempre atende os desejos do governo.

De 64 até 79 os diretores desses sindicatos sempre viveram em banquetes e festas com ministros e generais.

Enquanto a classe operária, nos piores anos do arrocho salarial, nos anos mais duros da ditadura, passava fome, esses senhores estavam rastejando aos pés dos generais.

Enquanto os lutadores metalúrgicos, seus verdadeiros líderes estavam morando na prisão, quando vários metalúrgicos eram assassinados nos porões do DOPS ou do DOI-CODI (como Olavo Hansen, Luiz Hirata, Manuel Fiel Filho) esses dirigentes-interventores estavam em Brasília "elegendo" para presidente o general Costa e Silva e o seu sucessor o carasco Médici.

O que essa diretoria podia fazer nessa campanha?

No ano passado houve uma aliança entre essa direção pelega, esses elementos patronais e os "gloriosos heróis" que voltaram do exílio em Moscou e Praga; o PCB sempre teve um papel de impedir a luta da classe operária no Brasil.

Esse partido sob o disfarce do apelido de ser o partido da classe operária, sempre fez o jogo da burguesia, dos patrões. Muitos operários foram enganados por esses falsos amigos da classe operária. Com a anistia e essa tal de "abertura" que está aí, voltaram do exílio todos os defensores desse falso partido operário. Valtaram e a primeira coisa que fizeram foi ir ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Já no aeroporto o "grande líder" que foi recebê-los e que fez o discurso foi o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o tal Joaquim, o super-pelego.

O acordo já tinha sido feito. O PCB apoiava esses pelegos patronais que há 16 anos estão golpeando a classe e em troca eles poderiam entrar de cheio no Sindicato dos Metalúrgicos.

Para o PCB foi um negócio da China, entrou no maior sindicato da América Latina, assim de mão beijada, sem luta, sem problemas.

É só fazer mais uma traição à classe operária e pronto. Quem sempre traiu, não tem problema de trair mais.

E para os pelegos foi outro negócio. Agora Joaquim não será mais chamado de super-pelego, agora passará a ser o "Joaquinzão", o novo "Lula", o novo "grande líder brasileiro". O jornal do sindicato "O Metalúrgico", que só falava em pescarias e colação de rainha, passará a ser um jornal



1. Joaquim, o arqui-pelego. 2. Gordinho deu tiros na oposição sindical. 3. Elemento ligado aos pelegos chamando operários pra briga. 4. Fotógrafo não-identificado agrediu membro da oposição sindical. 5. PM à paisana intimidando membros da oposição.

feito pela Oboré, uma ótima empresa editorial.

Os cursos do sindicato, que eram uma chatice, agora são dados pelo experiente Hércules Corrêa. Agora o tal "Joaquinzão" tem uma super assessoria, joga a flor do dinheiro feita por experientes sujeitos, treinados em controle de massas e em ganhar os aparelhos de poder.

Um outro bando glorioso que se aliou aos pelegos e inimigos da classe operária, são os leituados vendedores do jornal "Hora do Povo".

A especialidade deles é, nas assembleias, puxar o coro "unidade, unidade" e fazer lembrar, no cacete, todo cara que discordar deles. Sobre tudo não admitem dizer que o Joaquinzão deles é pelego e traidor. Ficam umas feras e começam a dar correntadas nos "inimigos", nos "divisionistas".

Esse trio de ouro planejou toda a campanha desse ano.

Tudo foi visto tintim por tintim.

Precisava de todo jeito isolar a oposição sindical metalúrgica. Precisava afastar os lutadores de classe do sindicato. Aí usaram vários métodos. Começaram a fazer boletins falsificados, como sendo feitos pela Oposição atacando quatro de seus elementos mais destacados. Isso para gerar confusão na categoria.

O ataque nos boletins falsos era bem estudado: a Oposição estava cheia de ladrões que roubavam milhões e o melhor do fundo de greve, etc.

Esse tipo de jogo pega muito no meio da classe trabalhadora que sempre foi traída e roubada por seus falsos líderes.

E como não acreditar nos boletins, se era a própria Oposição que falava de alguns ladrões no meio deles?

Outro lance foi iniciar um clima de violência, de porrada em cima dos opositores mais conhecidos e em cima da categoria em geral.

Com isso conseguiram criar um clima de terror na rua do Carmo. Com isso muitos metalúrgicos desgostaram ainda mais desse sindicato que está aí. Conseguiram afastar mais ainda a categoria.

A gloriosa assessoria de Joaquim planejou tudo isso. Foram contratados policiais, halterofilistas, lutadores violentos e em troca do dinheiro se mandou esses valentes guarda-costas bater na massa da assembleia, com especial predileção nos elementos marcados como opositores.

Os pelegos, seus aliados do PCB e "Hora do Povo", sem nenhuma força real no meio da massa, só tiveram como saída recorrer a esses métodos (aliás não são novos) de es-

calada de terror, de violência para concluir um acordo favorável aos patrões.

E A CLASSE?

Por que em São Bernardo do Campo temos assembleias com 80.000, 100.000 metalúrgicos e em São Paulo não se chega a 3.000? E aqui nós temos 424.000 metalúrgicos.

Tem várias causas para isso. Mas uma fundamental é que aqui em São Paulo nós não temos um sindicato. O que está aí sempre foi uma agência da FIESP e do DOPS, sempre do lado dos patrões e do governo. Agora, de uns tempos para cá — com a aliança com o PCB e "Hora do Povo" — está se tentando fazer uma operação plástica, mas é inútil. A categoria não é idiota: sabe muito bem que não pode confiar nessa direção que está aí. A voz geral ouvida nas fábricas é: "com esses caras aí eu não entro mais..."

A Oposição Sindical Metalúrgica ainda não se firmou com direção alternativa para a categoria.

As dificuldades são enormes. Desde o desemprego forçado logo após alguns meses de fábrica, desde a lista negra, desde as reduções da diretoria do sindicato junto aos departamentos de pessoal, até a dificuldade enorme de fazer com que a categoria acredite nas suas forças, acredite na forma da união, acredite no sindicato.

METALÚRGICOS DENUNCIAM

Sindicato conspira contra operários

GUERNICA (SP)

Ao tomarmos conhecimento de como a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo vinha conduzindo a campanha salarial nos preocupamos com o seu desenvolver, com a integridade — física mesmo — da Oposição.

Desde a formação de comissões de fábrica fantasmas — onde só participava quem fechasse posição com a diretoria, e a Oposição era impedido o direito até de ir à sede do Sindicato na rua do Carmo —, passando pelo boletim falso, com a assinatura da Oposição, derramando calúnias sobre os membros da Oposição — em tática totalmente policial (utilizada durante a greve de São Bernardo pela Fiesp e pela polícia) até

a ameaça de morte aos membros da Oposição.

Com todas essas monstruosidades nos preocupamos em fazer a cobertura das duas últimas assembleias no Cine Roxi (foram 3 ao todo). Na do dia 17/10 fomos agredidos por elementos do jornal "Hora do Povo" que também sistematicamente tentavam impedir que os membros da Oposição conseguissem distribuir um caderninho com suas propostas (com empurrões e cotoveladas primeiro e depois partindo pro tapa), para entrar na assembleia era preciso passar por um corredor formado por elementos do sindicato e por halterofilistas que agrediam os membros da Oposição que fossem entrando e que arrancava e rasgava os caderninhos de propostas da Oposição. Dentro da assembleia o clima de terror era o mesmo e apesar de em tese só ser permitida a entrada a metalúrgicos

que estivessem em dia com o sindicato (os que não estavam não puderam entrar), elementos não metalúrgicos do jornal "Hora do Povo" estavam lá dentro agredindo metalúrgicos. Na do dia 24/10, mantido todo esse sistema vimos um rapaz da Oposição com todos os documentos em ordem (vimos sua carteira de trabalho e do sindicato) ser impedido de entrar na assembleia, sendo agredido por um fotógrafo "desconhecido" e depois sendo intimado por um PM a paisana (n. 355 de Osasco) a ir embora.

Entre uma e outra, uma reunião de delegados do Entões convocada pela Oposição Sindical Metalúrgica para tentar quebrar o isolamento, o que foi dificultado pelo golpismo de alguns companheiros de outras categorias, ligados ao jornal "O Trabalho", que sem perceber, a gravidade da situação tentaram canalizar todos os esforços para um

ato que o PT iria realizar no dia 26/10 e tentando dar continuidade ao Entões numa reunião onde eles eram a maioria. Quando a Oposição Sindical Metalúrgica, que foi quem convocou a reunião, colocou que devido a campanha não tivera tempo de discutir o Entões e que portanto não poderia participar de nenhuma decisão sobre a sua continuidade receberam um "chega pra lá".

Esperamos que os companheiros do jornal "O Trabalho" façam uma auto-crítica e que, apesar de sua ânsia em se colocar contra a estrutura sindical, não cometam mais esses deslizes, de querer passar sempre a sua posição independente da situação enfrentada — no caso pela Oposição Metalúrgica.

De resto ao menos se conseguiu evitar uma cena de sangue.

A Volkswagen é nazista

MAURÍCIO TRAGTENBERG (SP)

Na Alemanha, em 1933, Hitler sobe ao poder, estrutura o Estado Totalitário, a ditadura do partido único, campos de concentração para negros, judeus e dissidentes políticos alemães ou não e monta os fornos crematórios onde milhares serão queimados.

Essa a lembrança que me ocorreu após ler a Tribuna Metalúrgica, órgão do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de S. B. do Campo, de dezembro de 78 referindo-se ao clima existente na Volks sob o título "Volkswagen reedita holocausto".

A reedição do holocausto na Volks se dá com a existência de câmeras de TV e guardas com binóculos que vigiam 44.000 operários por toda fábrica, dia e noite. Mais de 300 policiais à paisana acompanham de perto os trabalhadores. Qualquer suspeita, falta ou atrito com chefes, os operários são escortados até as salas da "Segurança", onde os interrogatórios são mais duros do que numa delegacia de polícia. Ameaças de agressão do tipo — você vai para o pau de arara — são frequentes. Outros trabalhadores ficam presos nas salas durante as horas de serviço até por uma semana, como num cárcere privado. Muitos são forçados a confessar roubos que não fizeram. Até crianças, alunos da escolinha da fábrica, são ameaçados pelos guardas. Suspeita-se que esse esquema de segurança fora montado por criminosos de guerra, nazistas. Um deles, pelo menos, trabalhou quatro anos na empresa até ser preso. Segundo Lula, a "segurança" da Volks é a mais policialesca de todas as empresas do setor.

As primeiras vítimas do holocausto da Volks não foram os judeus, mas operários brasileiros, onze participantes do III Congresso de Trabalhadores Metalúrgicos foram demitidos por se revelarem lutadores conscientes pelos interesses da categoria metalúrgica. Foram demitidos um a um.

Os acidentes de trabalho não são comunicados com a devida precisão ao Inamps, resultando o operário ficar sem seguro, sem indenização e, em caso de morte, a família fica sem pensão. Foi o caso do eletricitista Adilson, vítima de um forte choque na cabeça quando executava seu serviço. O choque elétrico afetou-o internamente, acabando internado num hospital. Desconhecendo os antecedentes, os médicos consideraram-no louco. Medicado sem diagnóstico certo, Adilson morreu. A família do acidentado viu-se desamparada sem a pensão do Inamps porque este não reconheceu a morte como fruto do acidente de trabalho. E não reconheceu porque a empresa escondeu o fato.

O horário das refeições que, por lei, é de 1 hora, foi reduzido para 45 minutos; em troca, a Volks exigiu que os operários trabalhassem uma hora a mais.

Outra denúncia do jornal sindical; a malandragem da empresa com relação aos aumentos previstos no acordo



intersindical, ao mesmo tempo que concedia o aumento a Volks aumentava o preço de alimentação, cantina e transporte.

Quem compra carro da empresa gozando de um mísculo desconto fica "amarrado" seis meses, não pode vendê-lo antes, caso contrário é dispensado. Também não pode usar o ônibus da empresa. Ela alega que o ônibus está com lotação completa e que o operário deve aguardar uma vaga. Por se oporem a um método desumano de controle da produção — MTM movimento, tempo, minuto — cujo objetivo é reduzir o número de funcionários na linha de montagem sem prejuízo da produção, dispensando 20 numa linha e 5 noutra 25 trabalhadores foram dispensados.

Por duas vezes o pessoal foi atacado de disenteria devido a refeição estragada; em geral a comida é de péssima qualidade, quando não vem estragada, é mal temperada, com sabor desagradável.

A Volks fornece 6.000 marmitas por dia para outras empresas, o pessoal da cozinha foi obrigado a fazer horas extras. Quem entrava em serviço às 15 horas entra às 12:30 horas e sai às 23 horas.

A "Tribuna Metalúrgica" denunciava ainda a morte

do vigilante Luís Ferrel de Oliveira, ocorrida a 13.11.1979, no pátio da fábrica, atropelado por um veículo que transportava, em excesso de velocidade, pessoal para a ala 3. Dai levantar-se uma série de questões: 1) qual a necessidade dos veículos da Segurança Industrial desenvolverem alta velocidade no pátio da fábrica? 2) não seria mais lógico e justo que só as ambulâncias e carros de bombeiros ultrapassassem a velocidade de 30 km por hora? 3) finalmente, quem será o responsável por mais essa morte?

Quanto à higiene e segurança no trabalho, deixam a desejar. Faltam exaustores em diversas alas da produção, notadamente nas de números 2, 3, 4, 5 (porões) e 6. Dai acumular-se grande quantidade de fumaça, perturbando a respiração e visão do pessoal. Nem o adicional de insalubridade é pago para o pessoal que faz o teste de motores, que funciona numa seção sem ventilação mínima.

O ex-chefe montagem da Volks, capitão Franz Paul Stangl, responsável pela morte de 700 mil pessoas no campo de concentração de Treblinka, trabalhava na indústria em 1967 como chefe encarregado da seção de montagem, trabalhou na Volks durante 4 anos até ser descoberto, preso e extraditado para Alemanha Ocidental, pela justiça brasileira.

Mauro Massami trabalhou 5 anos na Volks. Segundo ele, a "segurança" da empresa não é igual à de outras firmas. Colocaram na cabeça do guarda que ele é uma autoridade; resultado, atemoriza a todos e ninguém troca uma palavra com ele. Nas outras empresas, os guardas, inclusive, brincam com os trabalhadores. Até as secretárias se portam de modo policialesco. A segurança tem circuito interno de TV que cobre a empresa no todo e os arredores; há um fichário completo dos funcionários, 200 guardas e pessoal que colhe depoimento de quem chega atrasado ou faltar ao serviço, vai explicar-se com a "segurança".

Os Investigadores andam à paisana e nas vésperas de greves seu número aumenta.

Segundo Maurício Soares, advogado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, na Volks os operários são mandados para, "segurança" com a ameaça: "se você não confessar te entregamos para a polícia". Houve casos de diretores do sindicato seguidos pela "segurança" na fábrica. Coisa odiosa é o "chá de banco". O operário entra de manhã e fica sentado, chega a hora de ir embora e ele não vai. Fica assim durante 5, 6, 7 dias, assinando ponto de entrada e saída. Isso mortifica o sujeito, daí vem a "segurança" e diz: O seu caso está resolvido pode voltar ao trabalho ou tá despedido, volte amanhã e acerte as contas.

É essa empresa que é a pioneira no país na instituição de uma Comissão de Colaboração, onde o operário não tem poder em nenhuma decisão se torna um "continuo de luxo" fabril. Isso tudo e mais, a tentativa de esvaziar o sindicato da categoria através da comissão que se transformará, sem dúvida, num sindicato de empresa. Note-se que as empresas americanas tentaram isso em 1935 e a Suprema Corte Americana condenou-as por "prática trabalhista desleal" para com os sindicatos.

É que nos EEUU., apesar dos pesares, o trabalhador é organizado, pois classe que não é organizada é classe "ferrada".

Funcionários públicos lutam

COLETIVO LIBERTÁRIO DO FUNCIONALISMO (SP)

Ao tentarmos fazer um balanço das lutas desenvolvidas em 80 pelo funcionalismo público poderemos notar sinais de avanço. Notadamente no encaminhamento a nível nacional dessa luta. Os professores das universidades federais pararam, duas vezes nacionalmente. Os professores de 1º e 2º graus tentaram desenvolver uma campanha nacional que culminou com o "Dia Nacional — 14 de outubro" e que tem nos professores gaúchos uma demonstração incisiva da capacidade de luta da categoria.

Poucas pessoas sabem o porquê dos funcionários públicos virem desenvolvendo, principalmente de 78 pra cá, essa luta por melhores condições de vida. Somos, talvez provavelmente, a categoria de trabalhadores — sim, por que somos trabalhadores — que mais foi arrotada pelos generais da quartelada de 1º de abril de 1964. Duas provas cabais dessa afirmação seriam: 1) De 64 até 78, de acordo com dados do Dieese, o funcionalismo perdeu mais ou menos 250% do seu poder aquisitivo; 2) Quando foi concedido para "todos os trabalhadores" — de acordo com a lei — o Reajuste Semestral, esse não foi concedido aos funcionários públicos que, estranhamente, deixaram de ser considerados — pelo Estado — trabalhadores...

Porém, ao mesmo tempo que temos motivos mais do que suficientes para nos mobilizarmos e de efetivamente esta mobilização estar ocorrendo, como mostramos acima, percebemos uma certa contradição: — o fato de não estarmos ligados a um determinado setor da produção e que, de fato, sirvamos à população sem fins lucrativos — isso de for-

ma geral — faz com que a greve não cause ao nosso patrão/explorador — o Estado — um prejuízo — exceto politicamente. É claro que uma greve bem organizada que parasse os setores de arrecadação e os ligados à agricultura, sem dúvida fariam tremer as bases da economia nacional... mas sabendo disso é exatamente nestes setores que a repressão é mais feroz...

Claro, essa contradição jogada para o próprio movimento nos faz procurar uma resposta... pois nossa necessidade de luta não parte meramente de uma vontade subjetiva, mas — concretamente — parte da miséria que, ameaçadora, ronda a casa dos funcionários.

Mas essa contradição se reflete no movimento que ao não conseguir dar resposta começa a vacilar. O que significa isso?

Em 79 os estados que mais se mobilizaram foram São Paulo (que ficou 29 dias em greve — até então a mais longa greve no Brasil no período pós 78 — que atingiu 250.000 funcionários) e Minas Gerais (que com a greve dos professores — vitoriosos — conseguiram inclusive criar um sindicato autônomo, independente do Estado, a UTE — União dos Trabalhadores do Ensino). Já em 80 a campanha praticamente não se efetivou em nenhum desses estados. Por um lado pela repressão feroz que se abateu sobre a UTE, levando o movimento a um reflexo forçado — isso em MG. Em São Paulo por toda uma série de falhas no encaminhamento da campanha e por não se ter encontrado uma saída para a contradição que apontamos acima.

EM SÃO PAULO

Da estrutura organizativa conseguida em 79 e reforçada na própria campanha — apesar de suas limitações — a CGP (Coordena-

ção Geral Permanente) — em tese uma federação com representantes eleitos por assembleias de setor — pintaram os primeiros pepinos. Os pelegos e reformistas, que participavam dela, começaram a desenvolver uma campanha que possibilitasse concretamente a sua dissolução, o seu não-reconhecimento pela categoria e o reforçamento das entidades já existentes — ligadas ao Estado — que historicamente cumpriram um papel meramente assistencialista e de breque às lutas da classe. Com medo que a CGP viesse a se constituir — como a UTE em MG — um sindicato autônomo, eles passaram a reforçar a Federação dos Funcionários Públicos e a União Nacional dos Servidores Públicos — cujos presidentes militam no PDS.

Dessa forma a campanha do 1º semestre acabou com as migalhas concedidas pelo governador. Além das divisões na CGP e da contradição que não fora resolvida havia também toda uma desconfiança e um temor — bem fundamentado — que era um reflexo das próprias vacilações da CGP.

Restou dessa primeira derrota a esperança de uma superação, para que pudéssemos desenvolver uma forte campanha pelo Reajuste Semestral. A partir daquela experiência desastrosa (a campanha do 1º semestre) restava-nos voltar às bases e organizar a luta.

Novamente isso não aconteceu. As brigulhas intestinas na CGP continuaram, e, de repente, o professor Brás — da Associação dos Docentes da USP — lança, minto, impõe uma proposta: a realização de um Ato Público em frente ao Palácio dos Bandeirantes, dizendo que já estava tudo organizado, que já estavam prontos os cartazes, já haviam sido feitos os contatos, etc... A partir daí se desviaram todas as forças para o encaminhamento do Ato. Um Ato que não foi decidido pela base, que não foi discutido pela base. O 3º Ato de 80 no Palácio, o

professor Brás falava aos jornais em 20, 50 mil pessoas na manifestação. No dia marcado. Na hora marcada; 1.000 pessoas... A comissão de entidade que foi recebida por três secretários não conseguiu responder às provocações: "Os funcionários não precisam de Reajuste Semestral..." "ganham muito bem..." "estão satisfeitos com o governo Paulo Maluf..." O seu Brás, o seu Braginha — da Associação do HC —, a UNSP e a Federação aproveitaram a chance pra conchavar... A categoria sentia um sabor amargo de derrota...

Com essa última traição os pelegos — PCB incluso — se retiraram de vez da CGP. Os que ficaram — com uma CGP fraca e desacreditada — tentaram, com uma atitude desesperada, retomar o movimento — que fora tão bem sabotado. Porém, talvez ingenuamente, cometeram o mesmo erro/traição que o Brás cometeu, jogando uma proposta de cima pra baixo, sem discussão na categoria... A realização de um Assembleia Metropolitana que seria encaminhada em duas semanas!!!

A assembleia, realizada em 14/10, com mais ou menos 500 pessoas, não teve condições, ao menos, de encaminhar o que deliberou...

Resta, primeiro assumir uma auto-crítica... resultado dessas experiências amargas... e começar a impulsionar nas bases a campanha de 81. Reforçar a organização estadual retomando contatos. Reforçar as organizações regionais, criando um trabalho regional que viabilize um contato com outras categorias de trabalhadores. Por fim: preparar desde já uma campanha unificada com metalúrgicos, motoristas de ônibus, portuários... que desenvolvem suas campanhas também neste período — sem jamais perder de vista as bases e fazendo delas a coluna dorsal da campanha.

BASEADO EM QUÊ SE PROÍBE A MACONHA?

ANTÔNIO CARLOS PACHECO
(BAHIA)

Apolo encarrega-se, diariamente, de levar o carro do Sol para o topo do céu e no final das tardes, diariamente, leva-o de volta para trás das montanhas até o dia seguinte. Dioniso, que é irmão de Apolo, embora de mãe diferente, tem como única preocupação o prazer, sem desprezar no entanto o trabalho: mas só admite o trabalho que gere prazer. Deus da colheita, da fertilidade e do vinho, protetor do teatro, Dioniso é excomungado em nossa civilização.

O trabalho de Apolo em levar o carro do Sol para o meio do céu é louvado em todas as culturas modernas (menos nas indígenas da América e África) e todas as ideologias, da direita à extrema-esquerda, são apolíneas. Adolf Hitler glorifica o trabalho; Karl Marx acredita que sem o trabalho não há progresso e Pierre-Joseph Proudhon (quem diria? um anarquista), acredita que o trabalho deve ser resguardado das investidas dos ociosos que podem levar a civilização ao fim.

A introdução é necessária para se entender o porquê da perseguição que a sociedade moderna promove contra todo tipo de vícios e prazeres.

HISTÓRICO

Nos primórdios do que chamamos de "civilização", quando o matriarcado chega ao fim e começa a se esboçar uma estrutura de classes, onde um grupo de homens começa a se impor a outro e transformar este outro em servo do grupo dominante, então as relações de trabalho começam a ser supervalorizadas, justamente por aqueles que não trabalham, mas vivem do trabalho alheio.

A idolatria do trabalho nasce no exato momento em que o grupo que é mais forte obriga o grupo mais fraco a trabalhar: os fortes se apropriam do resultado do trabalho dos fracos e estes são mantidos sob severo controle ideológico (são proibidos de pensar, os fortes pensarão por eles daí por diante).

A idéia de que o trabalho é sagrado vem daí, destes primórdios da dominação de um homem pelo outro. E daí também vêm todos os preconceitos contra os prazeres e os vícios, que, em verdade, fazem com que a atenção do homem se desvie do trabalho escravizante. Do trabalho que só visa a gerar riqueza para um grupo em detrimento do trabalho que gera prazer, que é aquele feito por livre e espontânea vontade e em doses não escravizantes, não atentórias à nossa inclinação para o prazer demonstrada, no dia-a-dia, pela nossa saudável e incurável procura das coisas que nos fazem bem ao espírito.

A MACONHA

A "Cannabis Sativa" insere-se no plano desta repressão dos grupos dominantes, que preocupam-se em velar pela sobrevivência dos grupos inferiores (nós, o povo), para que estejam sempre dispostos e "saúdáveis" para o trabalho que segundo os católicos e outros judeu-cristãos (como fascistas, marxistas e alguns anarquistas), "dignifica o homem".

A maconha, como o sexo, são fortes atrativos para todos aqueles que vivem a vida sensaborona da civilização capitalista, onde todos os prazeres são de tal modo programados pelo aparato ideológico da classe dominante que tornam-se parte do trabalho.

Fumar maconha não pode ser considerado uma fuga, no "strictu sensu", porque só seria fuga se fosse algo psicótico e em verdade não o é. Quem acende um baseado não o acende pensando em escapar do capitalismo, pois só um imbecil pensa ser possível escapar ao capitalismo sem destruí-lo.

Ao acender um baseado se tem o exato sentido do que é prazer. Prazer pelo prazer. Sentido de estar numa boa, sem mensurar o sentido político que pode haver neste ato. É como trepar: ninguém vai pra cama pensando em acabar com o capitalismo.

A ligação da maconha com o capitalismo é dada pelos senhores-da-ordem, e não pelos maconheiros, que es-

tão apenas desfrutando o seu barato. A ligação com o capitalismo está na linha do apolíneo-dionisíaco, que é uma dicotomia que nos atormenta há milênios. Os senhores-da-ordem (servos da burguesia aqui, servos da burocracia nos países comunistas e servos dos patrulheiros no nosso dia-a-dia) preocupam-se em que estejamos tendo prazer com a maconha e desgastemos a nossa máquina (o corpo, que é com que o capitalismo se enriquece e se perpetua). A máquina-corpo tem que ser preservada para o trabalho e qualquer apelo dionisíaco a ela, tem que ser dosado e controlado pelo Sistema para que o "sagrado trabalho" não seja prejudicado.

Daí que, mesmo que os maconheiros não o queiram (e não querem mesmo saber disso, pois inclusive a maconha seria chata demais), fumar baseado é uma coisa revolucionária, por colocar em xeque as estruturas do Sistema no que elas têm de mais sólido que é a ideologia apolínea do trabalho, da "mente sã no corpo sã" para estarmos sempre prontos para produzir para o resultado do nosso esforço nos ser tomado.

ENTRA PLUTO

Falar sobre a proibição da maconha apenas como um controle do Sistema baseado na ideologia do trabalho é pouco. Falta falar no filho de Ceres, deus das riquezas: Pluto entra na história da maconha (como da heroína, da cocaína e outras drogas como Coca-Cola, cigarro, whisky e etc.) no exato lugar geométrico dos interesses financeiros dos traficantes que, na maioria dos países, são os próprios senhores-da-ordem que já falamos.

Uma prova concreta disso é o caso recente da Bolívia onde o presidente, o ministro do Interior e várias outras autoridades, são os maiores traficantes de cocaína, segundo denúncia veiculada este ano no Senado dos Estados Unidos pelo senador De Concine. No entanto, na Bolívia qualquer traficante, desde o golpe de Estado dos traficantes, pode ser preso e até fuzilado.

Por que? Porque os militares envolvidos no tráfico de drogas não querem a concorrência de "autônomos" em seu magnífico negócio.

Gore Vidal em "Kalki" (uma obra-prima à venda em qualquer livraria — o comercial não é remunerado) nos avisa que os maiores traficantes de drogas nos Estados Unidos estão trabalhando justamente no Departamento de Controle e Combate aos Narcóticos: elemental "my dear Watson". Os grandes traficantes não podem deixar que qualquer um entre em seu mercado exclusivo fazendo, inclusive (sacrilégio!), o preço das drogas baixar. Por isto, ao lado da repressão com motivação ideológica, existe a repressão por questões plutocráticas.

Por isto, quando um maconheiro vê uma autoridade com zelo demais em relação à repressão ao tráfico e uso de drogas, logo logo desconfia.

A "ESQUERDA"

Mas não é a só a burguesia que reprime os tóxicos nos países capitalistas. Representantes de setores que se dizem de esquerda e até mesmo extrema-esquerda, mostram (ainda sob o capitalismo) o que será a repressão ao prazer sob seus regimes "socialistas".

Uma mostra disto pode ser dada por uma circular que andou pelas células da Organização Socialista Internacionalista (que congrega o movimento estudantil "Liberdade e Luta", o jornal "O Trabalho" e alguns setores do PT). Nesta circular proíbe-se aos militantes fumar maconha e pior (bem pior), recomenda-se que se trotskistas não andem em companhia de maconheiros para evitar o contágio.

Por que os trotskistas fizeram isto? Por que são "maus"? Não. É porque os trotskistas são marxistas e os marxistas têm um projeto de sociedade futura onde todos devem consagrar-se ao trabalho. Unicamente. Esta idolatria do trabalho em detrimento do prazer é que assegurará um excedente de produção na sociedade marxista que será devidamente apropriado por burocratas que se dizem socialistas mas que, sejam de que ala do marxismo,

A democracia do general Figueiredo (ou seria a ditadura do general Golbery?) está correndo de pau atrás de Baby Consuelo por causa da música «O mal é o que sai da boca do homem» (Melô do baseado), dizendo que a moça está promovendo a maconha, a dissolução dos costumes, a marginalidade e outras babaquices em que nem Figueiredo nem Golbery acreditam.

Eles proibiram o disco de Baby por outras razões que nós tentaremos desvendar. Mas não é só Figueiredo que é contra o baseado. Também os trotskistas (um ramo do marxismo) são contra e nós também tentaremos fazer a ligação entre estes dois, teoricamente, opostos — Trotsky & Golbery.

Maconha.
(Do quim. Ma'kaña)
S. f. Bras.
Variedade de cânhamo
(Cannabis sativa var. indica).
Cujas folhas e flores se usam como narcótico e produzem sensações semelhantes às provocadas pelo ópio.
(Sin. vários deles pop. ou de gr.): liamba, aliamba, diamba, riamba, bengue, bitra, diriglo ou dirlo, erva, fumo, fumo-de-angola, cânhamo, haxixe, mato, pango, soruma, manga-rosa).
Novo Dicionário Aurélio

no forem, constituirão uma casta de privilegiados, como os nossos burgueses e tecnocratas.

As razões que movem a OSI ao proibir seus afiliados de fumarem maconha ou de se darem com maconheiros são baseadas no fato de que o indivíduo que se entrega a um prazer intenso como a maconha pode ser tentado a deixar um pouco de lado a militância, como a burguesia teme que os trabalhadores deixem de trabalhar.

Os maconheiros, como os ecologistas, as minorias raciais, os amantes da sexualidade sem freios, todos estes grupos estão cercados dos dois lados: tanto do capitalismo quanto do marxismo, pois todos os dois lados idolatram Apolo e abominam Dioniso, pois é o culto de Apolo que garante o trabalho das massas para que um bando de espertalhões usufruam de todos os bens materiais e intelectuais possíveis enquanto as grandes massas ficam oprimidas.

MALEFÍCIOS

Que a maconha faz mal ao organismo, todo mundo sabe. Mas Coca-Cola também faz, cerveja, cigarro, viver em cidade grande, ser vigiado no emprego por um capataz do capitalista (no Brasil) ou do Estado marxista (em Cuba). No entanto, só nos proibem o uso da maconha. Sintomaticamente...

Mesmo que a maconha fosse letal, nem assim ninguém teria direito de proibi-la, pois destruir o nosso corpo é um direito inalienável nosso. Nosso corpo é a única propriedade que não pode ser coletivizada, só nós podemos dispor dele e quem quer que se meta a disciplinar o uso de nosso corpo, é o pior ditador que pisou o planeta e deve ser combatido com a ferocidade com que nos oprimos.

Quem fabrica marginais é o sistema. Não a maconha.

ENTREVISTAS A ALEXANDRE FERRAZ



A maioria dos usuários de maconha ouviu dos pela reportagem de O INIMIGO DO REI concordando em repudiar um dos aspectos considerados dos mais graves entre os preconceitos contra o "fumo": o que diz respeito à falsa relação entre os efeitos da maconha e a criminalidade. Ou seja, a imagem de que todo maconheiro é um criminoso empotencial, a idéia de que os efeitos do THC levem necessariamente a uma violência gratuita.

"Ao contrário — afirma VM, 30 anos, sexo feminino, fumante de maconha desde os 18 anos — pelo menos no que diz respeito a mim e aos fumantes que conheço, o efeito é oposto: ficamos mais pacíficos, talvez até mesmo um tanto abalados. Nunca agressivos. Pelo que me consta, apenas alguns tipos de droga têm o poder de despertar a agressividade. No meu caso, por exemplo, senti este efeito quando experimentei cocaína".

Mac, 27 anos, fuma maconha desde 1973: "Antes eu achava uma loucura total, uma "nova experiência", alguma coisa que realmente me isolava da realidade. Pudera, era a carga de toda uma mentalidade que, aliás, começava a acabar naquela época: a de autodestruição. Os exemplos de Hendrix e Joplin; o rock, tudo isso enfeitava a maconha. Agora, o máximo que eu consigo é encará-la como aquilo que realmente é: um relaxante, um simples relaxante ainda não devidamente pesquisado pela ciência. E faça uso do "fumo" exatamente como quem toma Valium ou outras tantas drogas. O álcool, por exemplo..."

Mac já foi preso duas vezes pelo porte de maconha. Apesar de ser uma situação bem menos desesperadora do que a daquele que é preso pelo tráfico, não deixa de ser "uma experiência revoltante". Diz Mac: "Revoltante porque, em primeiro lugar, você não consegue entender por que tanta repressão em cima de uma coisa que lhe é extremamente natural; deixando os aspectos subjetivos de lado, entretanto, é revoltante a maneira como se é tratado pela polícia (imagina o que não sofrem os assaltantes, os "bandidos", aqueles que vivem sendo presos ou vivem presos...). Mais revoltante ainda é você sentir como a própria polícia está envolvida na jogada toda. Presencie, uma vez, o delegado ligar para um advogado avisando que "fulano tinha dançado de novo". Tratava-se de um traficante preso e que, depois de pagar Cr\$ 50 mil ao advogado, estava solto, sem maiores delongas. E, segundo boatos, o delegado ficava com a metade desta grana..."

"Entendo — continua Mac —, que a maconha deveria ser o cigarro nacional. Nosso solo é dos mais propícios para o cultivo da Cannabis e não seria nenhum absurdo que o vegetal passasse a ocupar o lugar dos canceiros vendidos pelas multinacionais do tabaco: cigarros que, ao contrário da maconha, fazem bastante mal à saúde do homem e nem por isso seu uso é combatido, pelo contrário a televisão que o diga. Maconha é no meu entender, inofensiva, quando muito favorece à saúde e por isso é utilizada, em escala ainda pequena, em vários países no auxílio à Medicina, notadamente nos pacientes portadores de câncer (EUA). Dizer que a maconha é tóxica é pensar pouco, ser preconceituoso e demonstrar não ter qualquer conhecimento de causa para falar do assunto: tóxico é o álcool, é a cocaína, a heroína e outros tipos de produtos que passam por processos químicos e ganham qualidades de substância tóxica. Maconha é coisa da natureza, uma planta como outra qualquer, descoberta pelos índios como tranquilizante. Espero que em breve surja algum parlamentar com coragem de levantar essa questão da maconha, que luta pela sua legalização e defesa o direito do cidadão de ser livre para usá-la como bem entender, sem que isso implique em marginalização. Quem fabrica marginais é a injustiça social, a má distribuição de renda, o capitalismo selvagem. É muito fácil transferir para o uso da maconha a culpa pelo alto índice de criminalidade do país. Use a maconha há oito anos, sou casado, brasileiro, reservista, tenho título de eleitor (pouco usado), 28 anos, nunca roubei, nunca matei, trabalho os dois turnos e ganho um péssimo salário".

A Igreja: ontem e hoje.

EDGAR RODRIGUES (RIO)
SEGUNDA E ÚLTIMA PARTE

A grande negociata do Catolicismo

A segunda fonte de renda da Igreja firma-se na inocência, na boa fé, na crença, na ignorância e no atraso do povo que deseja trocar oferendas por "milagres", negociar com "Deus". É a exploração do milagre a varejo e por atacado!!!

Sem esta fonte de renda a Igreja não teria nunca conseguido tanto ouro, tantas terras e tantos prédios que explora comercialmente, e, sobretudo, seus crentes não rastelariam com os joelhos sangrando em longas peregrinações, em nome da fé e da ignorância, para lhe levar presentes...

Fátima é um dos seus grandes empórios implantados com astúcia pela Igreja e lá vai recolhendo os miseráveis tostões dos pobres ignorantes que acreditam nessa farsa e as somas fabulosas dos capitalistas que investem na milagreira, na esperança de ter assegurado o perdão para seus crimes e um lugar no Céu quando se forem...

Seu cofre tem as portas na Cova da Iria, freguesia de Fátima, município de Vila Nova de Ourém, distrito de Leiria-Portugal e, o seu fundo na cidade do Vaticano, na "santa sé", em Itália!

Os "milagres" da S. de Lourdes, do "Porto das Caixas" (Brasil) da N. S. da Penha, entre outras casas de negócio clerical, são fontes inesgotáveis de recursos, sem contar as centenas e centenas de "almas tementes a Deus" que fazem substanciais doações para aliviar-se dos pecados cometidos todos os dias, tal é o peso do dinheiro em suas mentes, principalmente quando se sentem perto da morte... Atormenta-os o medo de satanás, a presença das "60 mil cortesãs de Roma", tão úteis aos cardeais e à corte suprema do Vaticano, que o padre eterno correu para o inferno por mau comportamento...

Seus "santos" servem de tabuletas, de rótulos, a milhares e milhares de firmas comerciais, industriais, são nomes de ruas e de gente. E para fazer jus a vantagens sob a proteção de "nomes santos" fazem-se ofertas que a Igreja recebe às mãos cheias. Temos aí os açougues N. S. de Fátima; as óticas S. Luzia; as pastelarias e docelros, S. Cosme e S. Damião; as padarias coração de Maria farmácias N. S. das Dores; as lojas de panos, S. de Lourdes; as sapatarias S. Pedro; Os mercados S. Sebastião; os Colégios S. Paulo e Coração de Jesus; as lojas de ferragens todos os santos; a cachapa de S. Francisco; o vinho D. Bosco, S. Roque e lágrima de Cristo e assim por diante.

"Terços", "rosários", "contas", "cartilhas", "selos", "santinhas" de todas as formas e feitios, em papel, em medalhas, enchem os mostruários. E as velas, os pés, braços e cabeças de cera? Tudo se vende em nome de "Deus" nas portas das Igrejas, nas barracas montadas nos dias de festas religiosas, nos pontos turísticos, em toda a parte. É como se compra e vende e como dá dinheiro o negócio das imagens em dias "santificados" e nos outros dias... Falsificam-se produtos, rouba-se no peso e na medida, nascem fortunas sob a proteção de nomes "santos" e a Igreja recebe sempre a sua cota-parte! Ela entra com os "santos" para dar proteção aos negócios comerciais e industriais, livrar os "maus olhados", e em troca ganha a sua comissão, sem imposto sobre a renda. O "deus" da Igreja católica não trabalha de graça, fornece os títulos, fornece a proteção e faz "milagres" mas em troca quer o "seu"... E enquanto o povo continua ignorante, medroso, acreditando no Céu e no inferno (por isso a Igreja tudo tem feito para manter essa ignorância através dos séculos) o Vaticano terá assegurado grande fonte de renda, lucros, boas ofertas em dinheiro e jóias, objetos de metais preciosos e formar uma corrente caudalosa em forma de rio, a correr dia e noite rumo a Roma!

QUATRO

Em que pese o esforço da Igreja para manter o povo submisso, cego e surdo à realidade social, aos poucos o trabalhador foi reagindo, protestando contra os políticos, contra a burguesia e os governos, que garantem a exploração e a escravização do homem pelo seu semelhante.

Esta realidade principiava a abalar as bases da Igreja e algumas ovelhas do seu rebanho começam a revoltar-se. Para fazer frente ao revolucionarismo da classe trabalhadora, a Igreja preparou seus padres-políticos e os padres-operários visando amolecer os impulsos renovadores e neutralizar as idéias transformadoras que o proletariado semeava nos locais de trabalho levando uma grande parcela a contestar os direitos governamentais e divinos.

Em seu livro "Os Católicos e a Questão Social", o padre Robinot Marcy, falando em nome da Igreja, escrevia "a Igreja, no entendimento dos trabalhadores sempre foi uma aliada cega do Capitalismo, e julga a reacionária". E, secundando suas palavras, "a Sagrada Congregação do Concílio", em carta dirigida ao cardeal Lienart, a 5 de junho de 1925 dizia: "Os progressos impressionantes do Socialismo e do Comunismo, a apostasia provocada nas massas operárias, são fatos que demandam sérias reflexões" e, finalmente, o Papa Pio 11 (para citar só estes) afirmou: "O maior escândalo do século 19, é que, em realidade, as classes laboriosas desertam da Igreja. É um escândalo que 19 séculos após a morte de Cristo ainda haja terras pagãs que não admitem a grande nova. Escândalo maior é ver-se hoje países outrora inteiramente cristãos, desparatada a fé dos seus antepassados".

Em obediência às preocupações da Igreja, no Brasil, de 1823 a 1853 fizeram-se deputados 128 padres e de 1854 a 1889, 27 sacerdotes foram ajudar a fazer leis para obrigar o povo a cumprí-las e a ser obediente.

Dai para cá o número diminuiu, mas a influência da Igreja esteve sempre presente nos governos dando opiniões e impondo seus interesses, refletindo-se até ao Congresso Eucarístico (36º) do Rio de Janeiro.

Na Europa, principalmente em Portugal e Espanha, a Igreja guiou o braço e o cérebro dos implantadores das ditaduras sanguinárias daqueles países, estava sempre pronta a absolver os agentes da polícia política todas as vezes que matavam mais um herege.

Primeiro armou o cérebro e a mão de D. Antonio Maura e dos carrascos que fuzilaram o pedagogo-anarquista Francisco Ferrer, na cidade de Barcelona, no ano de 1909. Depois levantou o exército espanhol para esmagar o Proletariado que re-



clamava iguais direitos para iguais deveres. Mais tarde, já no curso da guerra civil, pela voz do seu jornal "Diário de Navarra", quando da morte de um dos seus generais-servidores anuncia: "Maura promovido Embaixador Junto a Cristo Rei".

Numa manhã de junho, vésperas da festa do Sagrado Coração de Jesus, ao qual consagrou sua vida e suas aspirações, ele subiu ao céu, aureolado de bem-aventurança, para celebrar um triunfo grandioso na Corte do Rei dos reis. Foi chamado a governar a Espanha no céu, um gabinete em que figuram espanhóis ilustres, heróis gloriosos, santos mártires como Calvo Sotelo, Goded, Santurio e Fanjul. Que festa no céu, meu "Deus"! As portas da glória para receber o nosso general, esperava toda a imensa pleiade dos mártires da Espanha e, à frente da augusta comitiva, o Cristo Rei, que o estreitou contra o seu sagrado peito. Entre os acordes da música celestial, ouviram-se estas palavras: "Bem aventurados aqueles que morreram por amor a mim!" (15-6-1937).

Na mesma época, Salazar-Carmona, faziam ouvir as orações da Igreja como bênção os fundadores dos Campos de Concentração, para onde deportavam em massa "opositores e ateus", enquanto seus retratos, acompanhados da esfinge de cristo, eram fixados na parede principal de todas as escolas e repartições públicas, inclusive nas sedes da P.I.D.E. E foram 48 anos de terror impostos sob as bênçãos da Igreja.

Por essa mesma época, o "Observadores Romano" qualificava o esmagamento do povo abexim pelos exércitos de Mussolini com uma "missão Sagrada"! E em nome da Igreja, o Congresso episcopal de Fulda exaltava Hitler como o homem de "Deus", e quando este tirano invadiu a Áustria, o cardeal Inniter aclamou o "Führer, chamando-lhe: "Um homem visivelmente abençoado pela providência", e o Papa, falando de Mussolini proclamava: "Pouco importam os discursos violentos e contudentes do Sr. Mussolini contra a Igreja Católica. Palavras leva-as o vento. O que fica é o fato de que a união, a união, cada vez mais forte, mais insolúvel, entre um poder teocrático e um poder político ditatorial. Sem essa união não podia existir o Estado Corporatório Fascista, como hoje existe, porque esse Estado é, acima de tudo, uma revivescência dos tempos medievais".

Com o fim da guerra e a derrota do nazi-fascismo, a Igreja — como sempre tem feito através dos tempos — mudou de tática. O bolchevismo alargou seu domínio. A burguesia, aliada da Igreja, com menos força, e esta perdendo terreno para o espiritismo, os teosofistas, as testemunhas de Jeová, assembleia de Deus, os protestantes e budistas, entre outras seitas, sem contar os ateus, partiu para outra... Incen- tivou os "milagres" e desceu até o povo mostrando-se humilde e promoveu festas populares.

Em Portugal, acorreram "200 mil peregrinos a Fátima" (J.N. 12-6-79), tudo comandado pelo cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro. No Brasil, anuncia-se "40 mil romelros na festa de N. S. da Penha", muitos deles "subindo os 365 degraus de joelhos" (J.B. 10-10-79); "24 milhões de lucro nos três dias da feira da "providência" (J.B. 8-10-79) e a "eterna e milionária romaria de Juazeiro do Norte".

Mas isso, e tudo o mais que se possa apresentar em favor dos cofres da Igreja, não lhe restituiu o "prestígio" e nem aumentou o número dos seus crentes, e essa verdade preocupa o Vaticano. É preciso fazer alguma coisa... e ela aí está tomando a vanguarda da questão social, tentando arrancar a bandeira das mãos dos bolchevistas, dos socialistas, dos anarco-sindicalistas e outras forças revolucionárias, disputando com elas as lideranças operárias, afluindo nos sindicatos de trabalhadores das cidades e do campo.

A produzir centros de equilíbrio, aparece o novo Papa transformado em "diplomata" na esperança de que os Esta-

dos ricos (menos o do Vaticano) distribuam um pouco mais de pão aos pobres, e promete rever o processo e anistiar GALILEU GALILEI, que seus antecessores condenaram por ter descoberto que a Terra girava em volta do Sol.

CINCO

No Brasil, os "bispos" discutem sindicalismo, pedem a autonomia dos sindicatos e a sua desvinculação do Ministério do Trabalho" em resposta ao assassinato de um dos seus líderes — Santo Dias da Silva, membro da Pastoral do Mundo do Trabalho da Arquidiocese de S. Paulo e representante operário da C.N.B.B. — pela Polícia Militar do Estado. Contestando a violência, o secretário-geral da C.N.B.B., D. Luciano Mendes apresenta "Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja do Brasil" onde aparece o apoio "incondicional" às aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis" (JB. 7-11-79). Eis um apoio claro, refletido, da Igreja aos grevistas comandados por uma equipe de líderes da Igreja, que abre suas portas aos comícios grevistas. E diante da invasão policial a uma de suas Igrejas, o Arcebispo de S. Paulo, Evaristo Arns, pelos microfones da Rádio Vaticano, declara-se solidário com os operários afirmando: "O que aconteceu há poucos dias na Igreja do Socorro foi realmente uma coisa grave, um absurdo incompreensível. Um ato bárbaro, contra o qual expressei todo o apoio aos bispos, ao clero e à Comissão de Justiça e Paz (outra obra da Igreja) de S. Paulo", (JB. 8-11-79).

É assim que se manifesta a "esquerda católica", a vanguarda clerical, não para conseguir a transformação social, mas para cortar os passos aos revolucionários sociais e aos bolchevistas ateus.

Sua meta é tomar a frente dos trabalhadores, do povo espezinhado, revoltado, oferecer-lhe o seu aqui na Terra, usando em benefício da causa do Vaticano, hoje obrigado a percorrer caminhos que levem o homem a uma sociedade menos cruel e reduza as vantagens aos defensores da ditadura sobre o proletariado.

Diz-se-lhe que a Igreja pela ação do seu braço esquerdo pretende impedir que o povo em massa a repudie, e considere um instrumento da burguesia presa no passado como um objeto imprestável.

E no entanto o homem precisa de muito mais do que a Igreja se propõe a dar-lhe em nome de "Deus". A liberdade plena é a sua meta!

Liberdade de pensar e de agir sem temores físicos, hierárquicos, intelectuais, patrioteiros, divinos, econômicos, políticos e jurídicos! Sem esses tipos de pressão — que a Igreja jamais pensará conceder — o homem continuará uma presa da burguesia, do Estado e do clero, tanto do ponto de vista físico como intelectual, será um conduzido de acordo com as conveniências dos chefes e nunca alcançará a sociedade desejada, de irmãos, de iguais, onde todos tenham direitos inalienáveis ao usufruto das riquezas naturais e provenientes do trabalho de todos e de cada um, onde cada ser humano seja ao mesmo tempo um participante e um usufrutuário!

O trabalhador, incontestavelmente o grande produtor de tudo que foi feito pelo braço humano, de todas as riquezas das nações, não pode aceitar mais uma sociedade dominada pela Igreja ou pelo Estado, em nome do macro ou do micro poder estatal ou clerical!!!

Só ao produtor-operário cabe escolher o seu destino, traçar o caminho a seguir, decidir o que é melhor para si! Basta de tutores!!!

"A ANARQUIA É ORDEM; O GOVERNO É A GUERRA CIVIL"

Anselme Bellegarrigue

O caráter autoritário

É inquietante que dentro de organizações e movimentos se autoproclamam libertadores dos oprimidos, antiditatoriais, contra a exploração e opressão dos homens, por uma sociedade livre, há estabilização de práticas autoritárias que contradizem o discurso liberador.

A história recente é farta no registro de grupos que se bateram contra a tirania estabelecida, e que uma vez instalados no poder, abandonaram rapidamente a vertente anti-opressiva para se transformarem em nova tirania mais intensa que a primitiva.

Não só dentro de movimentos, mas na esfera do comportamento pessoal, o desnível entre teoria e prática, entre dizer e fazer atinge diferenças marcantes. É o libertário teórico e o fascista no comportamento, nas relações familiares, de trabalho e lazer.

Há os que sob capa disfarçada de um liberalismo mal assimilado, pregam a determinação dos chefes, o fato consumado, as decisões centralizadas, as determinações de cúpulas, as estruturas hierarquizadas de poder, o crê ou morre.

Assinalamos que doutrinas nitidamente autoritárias como o nazismo, o fascismo, o stalinismo mobilizaram e mobilizam setores apreciáveis das classes sociais para seus desígnios primários.

Um discurso e uma atuação basicamente autoritária permeiam as relações pessoais e fundamenta a estrutura da sociedade presente.

Um poderoso caráter autoritário comanda as ações pessoais e coletivas.

Agora, aqui mesmo no Brasil, agrupação tida de esquerda, desenvolve atividades caracterizadas por posturas rígidas, violentas, intolerantes, histéricas. Seus militantes quando em ação nas ruas mais se assemelham a membros da T.F.P., a grupos fascistas por suas atitudes estereotipadas e acentuada agressividade.

Tudo isto é feito em nome de um pretendido socialismo que luta contra a ditadura militar, mais que basicamente aplica os mesmos métodos da ditadura do fascismo.

O autoritarismo sob o ponto de vista psicológico é uma predisposição defensiva a conformar-se a normas e mandatos do poder investido pelo sujeito da autoridade. Os autoritários são pessoas que estão dispostas a coincidir com as autoridades porque necessitam da aprovação destas para aliviar a sua ansiedade neurótica. A ansiedade seria o ponto fundamental para a análise. Mais importante que os elementos autoritários dentro da ideologia do indivíduo, é a rigidez com que a usa para manejar uma carga excessiva de ansiedade para a sua personalidade.

Sarnoff e Katz estabeleceram as três motivações na adoção de determinada ideologia:

1º — Necessidade (racionalidade) de dar sentido ao mundo que nos rodeia.

2º — Necessidade de aceitação social. Ser como os demais.

3º — Defender o eu da carga de ansiedade. Este último ponto é o que caracteriza a predisposição a aceitar ideologias autoritárias.

O traço fundamental do autoritarismo é a utilização de uma relação de domínio e submissão, em outros termos sadomasoquista, na tentativa de controlar a carga ansiosa.

Há porém no autoritário uma faceta aparentemente contraditória. Ele pode se manifestar por atitude paradoxalmente contrária à autoridade estabelecida. Mais adiante examinaremos este aspecto do problema.

Cabe inicialmente assinalar, para evitar confusões, que o temperamento é a maneira de reagir de uma pessoa. É constitucional e imutável. Hipócrates, cinco séculos antes de Cristo, determinou quatro tipos de temperamentos: bilioso, sanguíneo, linfático e o atribilatório. Há entretanto inúmeras classificações de temperamento.

O caráter, por outro lado, é formado pela experiência externa ligada principalmente à infância, família, educação, cultura. Ele constitui a forma pela qual a energia humana é canalizada, e implica um juízo ético. É a nota afetivo-política dominante da conduta. São os impulsos dominantes que motivam as pessoas a agir. É modificável até certo ponto.

Alguns estudos procuraram caracterizar o caráter autoritário, como o empreendido por T.W. Adorno no livro "A Personalidade Autoritária", 1950, entretanto é Fromm que melhor



o analisa e estabelece os traços do caráter autoritário assim apresentados:

1º — Tendência a submeter-se a um poder quer seja uma pessoa ou uma instituição.

2º — Propensão a desafiar a autoridade e indignar-se pela intromissão dos poderosos. Este aspecto paradoxal é um intento de firmar-se e sobrepor-se aos sentimentos de impotência, combatendo-os, sem que desapareça o desejo de submissão.

3º — O caráter autoritário nunca é revolucionário, mas sim rebelde. Há indivíduos e movimentos políticos que confundem o observador face à passagem rápida do esquerdismo para o autoritarismo. São rebeldes típicos.

4º — O caráter autoritário prefere as condições que limitam a liberdade humana.

5º — Gosta de submeter-se ao destino, entendido como "fatalidade", "vontade de Deus", um poder superior e externo que rege e determina toda existência.

6º — Adora o passado. O que foi uma vez o será eternamente. Prosperidade e crise não constituem fenômenos sociais que podem ser modificados pela atividade humana, mas expressão de um poder superior que é mister se submeter.

7º — A fatalidade assume uma racionalização como "lei natural", "vontade divina". A fatalidade se deve à existência

das guerras e de que uma parte da humanidade deva ser governada por outra.

8º — Carece de "impulso ofensivo" capaz de atacar o poder constituído sem estar submetido a outro poder mais forte.

9º — Apresenta sentimento básico de impotência, que trata de anular através de atividade. Tem necessidade de atuar em nome de algo superior ao Eu (Deus, Pátria, Natureza, Dever, Partido, Passado etc.), porém nunca o futuro, o que está por nascer.

10º — Extrair a força para atuar sempre apoiado nesse ente superior, que não pode nunca ser atacado ou mudado.

11º — O heroísmo próprio do caráter autoritário está em sofrer o que seu destino, ou seu "líder" o assinalou.

12º — Mantém fé na autoridade enquanto essa sela forte e silga ditando ordens.

13º — Para o caráter autoritário não existe o conceito de igualdade, pois para ele o mundo se compõe de pessoas que têm poder e de outras que não têm, de superiores e inferiores.

14º — Sob a base dos impulsos sadomasoquistas experimenta tão só o sentimento de dominação ou de submissão, jamais a solidariedade.

15º — As diferenças de sexo, raça constituem sinais de inferioridade ou superioridade.

16º — Incapacidade de subsistir só e de expressar plenamente as próprias potencialidades individuais, tendo necessidade de apelar para um "auxiliador mágico" representado por Deus, pais, marido, superiores, etc.

O tirano mesmo de cada dia

RICARDO LIPER (BAHIA)

Não estou mais em idade de me espantar com as coisas! Portanto, o autoritarismo dominante de todos contra todos não me espanta, me entedia. Antes me irritava, nunca me espantou. Sempre achei que sendo o capitalismo o que é e também sendo as sociedades de classes o que são, o autoritarismo é uma consequência natural. Mas o curioso é como a mentalidade autoritária se propaga e se transforma na das coisas mais arraigadas do homem nas sociedades estabelecidas.

Existem funções e papéis sociais que são nitidamente autoritários. Como os de psiquiatra, policial, carcereiro, professor, pai etc.

Ninguém espera outra coisa de um chefe senão porra-da.

É um comportamento esperado, coerente como as circunstâncias que geraram a estratificação. Mas é engraçado como todos — exatamente todos — tentam desesperadamente ser autoritários sem haver uma necessidade aparente. É por compulsão neurótica. Não gosto do termo neurose porque os psiquiatras já o utilizaram demais para significar nada. Mas aqui, no caso, é aquele autoritarismo desnecessário, dispensável e que no entanto aparece e repete-se com uma grande frequência.

Quero me deter nesse aspecto porque é muito comum se analisar as sociedades autoritárias, as ideologias autoritárias, o poder, mas pouco se diz do comportamento autoritário diário do chofer de táxi, do motorista de ônibus, do porteiro do edifício, do síndico do prédio, e outras figuras comuns no nosso mundo, todo ele preenche de autoritarismo.

A curiosidade reside, no fato desses elementos serem violentamente autoritários sem haver uma necessidade aparente.

Por que o chefe de uma empresa tem de ser cretino? A cretinice aí é obrigatória, necessária "benéfica". Mas um carteiro cretino é algo muito mais sério porque não é necessariamente uma coisa lógica a cretinice num carteiro.

Não que o carteiro ou o chofer de táxi não possa ser cretino e que essa qualidade esteja reservada só aos executivos e doutores. Não.

É que nesses elementos ela é natural e necessária para o desempenho da função. É divertido se ouvir falar dos monstros da humanidade. Stalin, Hitler etc. Coloque quem está falando no lugar deles que talvez o autoritarismo seja maior. O poder corrompe. Isso é coerente.

Agora o que quero chamar atenção é para os autoritários do dia-a-dia que com suas armas limitadas, é bem verdade, executam seus semelhantes com o mesmo prazer ou frieza com que Stalin ou Hitler sacrificavam populações inteiras.

É tão natural ser autoritário que as pessoas nem se apercebem que estão pisando os demais. Fazem maquinalmente, com frieza, calculadamente e como são desmoldadas nem se apercebem do que estão fazendo. O homem tem a capacidade de fazer monstruosidades "inocentemente".

No dia-a-dia basta você cair nas garras do seu semelhante e depender dele que sentirá o peso da sua autoridade. Desde o porteiro do edifício até o chofer do ônibus que passa o ponto de propósito para mostrar a você que ali quem manda é ele. A tirania é uma prática diária de todos. Em outras oportunidades eu tinha me concentrado em mostrar o autoritarismo dos intelectuais e do Saber como um todo. Mostrando uma coisa hoje já muito sabida, que o marxismo é uma forma de autoritarismo, que os intelectuais em geral são autoritários, que a Psiquiatria é autoritária assim como a Pedagogia e outras formas de ação humana que deveriam pelas suas propostas serem libertárias. Assim como gastei muito espaço mostrando que o discurso e reivindicações podem ser justos, mas encaminhados de forma autoritária re-

sultarão apenas num selvagem exercício do poder. É fundamental, depreende-se, o encaminhamento libertário de qualquer luta ou reivindicação.

Mas o que fazer com os autoritários anônimos do dia-a-dia?

Reagir.

Da mesma maneira que se reage contra os abusos do poder do governo, deve-se reagir aos abusos do poder do vizinho, do funcionário público. É fundamental não se aceitar a autoridade de uma pessoa sobre outra. Nesse aspecto a resistência pacífica de Gandhi tem muito a dizer; aos belicosos aconselho a reação violenta. É preciso que se saiba que se vive numa sociedade violenta, digo, violentíssima, e sem escrúpulos. O resto é papo. Qualquer ato nessa sociedade é válido, desde que seja para garantir a integridade e liberdade do indivíduo, as únicas coisas que realmente importam. Se se conseguir viver, nem que seja um dia, sem se deixar pisar ou passar para trás, valeu a pena.

É preciso que nos libertemos da ideologia dominante que nos ensina que vivemos numa civilização. Em realidade o que existe é a barbárie sofisticada. Um dos grandes dramas da moral burguesa é sua total incoerência com qualquer conceito de ética. O que existe é um vale tudo violento e nada mais. Cabe portanto começar a revolução com o mais próximo. Não permitindo o exercício da autoridade nem em graus mínimos. Cada vez mais fundamentando relacionamentos libertários e impedindo de qualquer maneira que os outros, utilizando seja que meios forem, exerçam qualquer tipo de autoridade.

Nunca se deve capitular diante de uma ditadura. A luta deve ser constante.

A única coisa que converte a barbárie em algo civilizado é a reação violenta da pessoa humana na defesa de sua autonomia e na denúncia sistemática dos autoritarismos. Deve ser um processo diário e converter-se num hábito.



My best friend (II)

CARLOS QUÉBEC

Conheci Marcus através de sua irmã que estudava comigo na mesma sala quando estávamos, os três, no quarto ano ginasial, quando tudo era ginásio e científico e nada era 1º e 2º graus, ele estudava pela tarde e eu e a irmã dele pela manhã; Marcus passou junto comigo para o 1º científico e a irmã dele repetiu o ano, o que permitiu-me, a partir daquele ano, passar todos os dias às 6 e 30 da manhã para apanhá-lo em casa; pontualmente eu gritava seu nome "Marcus, Marcus", duas vezes só eram necessárias para que ele já subisse as escadas e encontrasse-me na rua para juntos irmos para o ponto de ônibus que nos levava até o colégio; estudávamos na mesma sala e nem é necessário dizer que das 6 e 30 até a hora do almoço, quando voltávamos cada um para sua casa, conversávamos sobre música, futebol, nataçã, política e literatura, as coisas que nos apaixonavam, claro que conversávamos com amigos e amigas no colégio, só que mesmo com amigos e amigas estávamos sempre juntos, fumando o mesmo cigarro, tomando refrigerante na mesma garrafa, éramos amigos de fato, inseparáveis; neste ano arranjamos um emprego no mesmo escritório e agora, à tarde ele passa em casa para chamar-me para ir pro trabalho, "Carlos, Carles", duas vezes eram necessárias para que meus ouvidos sentissem toda a doçura do meu próprio nome que só era doce nestas horas; só aos sábados eu e Marcus nos separávamos porque ele ia aos bailes pegar garotas para trepar ou namorar e eu ia aos cinemas, teatros e outros lugares para caçar rapazes para trepar ou namorar; no domingo voltávamos a nos encontrar, pois jogávamos futebol e praticávamos nataçã no mesmo clube, uma associação atlética que ficava na estrada estadual que ligava a nossa cidade ao município vizinho mais próximo e às 5 horas da manhã eu já estava gritando do alto da escada, "Marcus, Marcus" e ele subia correndo, até que um dia ele não subiu, fiquei surpreso, mas logo apareceu sua mãe dizendo "desça Carlos, vá acordá-lo, porque ele se recusa a me atender"; meu coração não aguentou de ansiedade quando entrei no seu quarto e notei, três anos de amizade depois, que Marcus já era um homem, ele estava seminu, apenas com a cueca demonstrando a generosidade volumosa, pensei "ele gosta de mulheres, eu não devo nem pensar nisso", mas minhas mãos não obedeceram à mente e eu já estava alisando os pelos de suas pernas sentado ao lado de sua cama e pegando fortemente com minhas mãos fortes o seu membro vigoroso e baixei minha cabeça beijando-o na boca; Marcus continua gostando de mulheres, mas vive comigo há cinco anos; eu continuo gostando de rapazes, mas adoro Marcus; descobrimos, sem sobressaltos, sem mágoas, sem violentação, que nossa amizade sempre foi amor.



Canto de amor

SÉRGIO ADAXNI

Estar calado
Andar por todos os cantos
Estar de pé
Em frente a Imagem artificial
Estar de joelho/chorar pro espelho
Nos consolar.
Cantar calado
O canto vivo das gentes sensíveis
Pôr-se sob o sol/
Voar pra mais que a lua temática
Raio/grave/estático
Criar repór num canto solto
Verbo matemático
No apego no aconchego do colchão da paz/
(e da ilusão!)
E luzes hão de acender nossos
Corpos frios
Como a relva que toca a beira dos rios



ANTROPOFAGENS

ANTROPOFAGENS

ANTROPOFAGENS

ANTROPOFAGENS

Quando eu nasci
um demônio direito
me disse:
Aprenda metalinguagem
saiba tudo de saussure
de ferreira
de chichen-itza
de pignatari
de chamie
de pound
de barthes
de teixeirinha
se esporre nas figuras de linguagem
arrote metáforas
soe metonímias
ame como um eunuco
um anacoluto.

Depois veio o tempo
em que tudo era sociológico
econômico
ideológico

e eu vi
que não
mais valia.

HOJE
vestido de índio
ele me diz
que a realidade
é
antropofágica.

poemas de Paulo Nassar
coleção mamando na vaca n. 2
edições beijos e abraços pra vocês
caixa postal: 58.020
CEP 01.397 — São Paulo — SP

Herói de guerra

AILTON GUIMARÃES

Eis a expressão que emociona os bobões
Sem consciência e sem saber o que fazem
Eles caem no papo dos generais que
Fazem a guerra e se proclamam heróis
Explodem a bomba e ficam de fora
E os pobres coitados ainda ignoram.

Mas quem são os verdadeiros heróis?
Será que não são os trabalhadores,
que movimentam a máquina do progresso?
E o homem do campo, também não é um herói?
Levanta às quatro da madrugada,
põe a enxada no ombro e parte pra trabalhar
Enfrenta o sol, a chuva e não sabe reclamar
Chega a hora do almoço, fuma um cigarro
de palha, coça a careca e pensa no que vai
comer: ah! se aparecesse um filezinho!
Já não pensa isso, um chupamolhozinho bem
que serviria! E o pobre de barriga vazia,
come sua bóia fria e parte pra trabalhar
à noite tudo se repete e o coitado adormece
Na esperança da vida melhorar

Dos seus esforços vêm o trigo, o milho, o
feijão, enfim, tudo que sustenta essa
raça de leões.
E pra ele o que é que sobra?
Vou já dizer:
sobra a farinha e a rapadura
pra ele tentar sobreviver
Mas um dia vai acabar
O peão não é bobo não
Vai gritar pela Autogestão
E aí então tudo vai melhorar.



São Paulo ou Rio

ROCK DE: NELSON
MAIA SCHOCAR
LETRA DE: NELSON
TANGERINI

Corta o verde, deixa o azul
Pr'alegria do quintal,
Mata a cobra e mostra o pau
Mata a cobra e mostra
Que o vento que sopra pro sul
Não é o mesmo que sopra para o norte,
Que o vento que sopra pro sul
Não é o mesmo que sopra pro nordestel
"Vida dura é no agreste,
Vida boa é no sudestel"
Nordestino é bichô forte
Sal de sua terra pra jogar co'a sorte.
São Paulo ou Rio de Janeiro
É a meta de qualquer pau de arara
Trabalhar o dia Intelro
E a noite, se possível livrar a cara
Ou o bolso.

Manifesto pela legalização do aborto

Nós, mulheres reunidas no Fórum Pela Legalização do Aborto, realizado nos dias 24, 25 e 26 de setembro, no auditório da FAU na USP, colocamos no centro de nossas reivindicações a luta pela conquista deste direito democrático — que garante à mulher o direito de optar pela maternidade.

Com este objetivo, lançamos um manifesto a todas as entidades de trabalhadores, aos movimentos e personalidades que se reivindicam da luta pela democracia, pelos direitos da mulher, para que se organize uma campanha nacional pela legalização do aborto exigindo: o fim das leis anti-aborto no Brasil, e que o Estado garanta os meios para que o aborto seja realizado gratuitamente em condições médicas seguras.

Sob o regime militar que governa o país desde 1964, a opção pela maternidade é negada à mulher através de diferentes formas de opressão e exploração às quais a classe trabalhadora está submetida. A começar, a maternidade para a mulher pode se constituir, enquanto barreira, em sua vida: se temos filhos, não somos aceitas no emprego; se engravidamos somos despedidas. Na maioria das vezes quando a mulher decide ter filhos é obrigada a abandonar sua vida profissional, política e social, isto porque lhe cabe a responsabilidade de educar os filhos, além de cumprir as tarefas domésticas.

Enfim, pela fato de sermos mulheres, e naturalmente exercermos a função da procriação, nos é negado o direito ao trabalho quando queremos exercer essa nossa função necessária para a sociedade.

Em outro plano temos a questão dos contraceptivos que segundo a política traçada pelo governo, ou são negados ou impostos às mulheres.

Nos países subdesenvolvidos os planejamentos familiares são impostos sob o pretexto de planejar o crescimento da população. Nas áreas mais carentes do mundo, o imperialismo "ajuda" os governos investindo grandes quantias em controles de natalidade. No Brasil a BEMFAM, agência do imperialismo, distribui pílulas indiscriminadamente, coloca DIU de forma criminosa e pratica a esterilização da mulher sem o seu consentimento.

Não é à-toa que somos mantidas na ignorância com relação ao uso dos contraceptivos e o prejuízo que eles podem acarretar à saúde quando utilizados sem orientação médica; assim como não é à-toa que a prática do aborto consiste em crime como diz o Código Penal Brasileiro pois é desta forma pela qual nos é negado o direito de controlarmos nossa função reprodutora.

O direito democrático de decidirmos pela maternidade, na sociedade em que vivemos cabe a todos, menos às mulheres; cabe ao governo e seu aparelho de Estado com projetos de planejamentos familiar; cabe à Igreja negando a contracepção e o aborto; cabe aos advogados e juristas incriminando e estabelecendo leis para a maternidade; cabe aos órgãos im-

perialistas impondo métodos contraceptivos.

Nossa resposta deve ser uma só: cabe a nós, mulheres, decidirmos se queremos ou não ter um filho.

Num país onde não existe os cuidados mínimos com relação à saúde da população, onde não temos assistência médica eficiente e gratuita, onde a maioria das mulheres não sabe como evitar a gravidez por falta de orientação médica e acesso gratuito aos contraceptivos, e ainda mais, quando recorrem ao aborto são enquadradas como criminosas: é nesta situação que nos encontramos, e por isso a questão de legalizar o aborto, mais do que nunca se apresenta como uma luta necessária.

No Brasil cerca de 3 a 4 milhões de abortos são realizados por ano que, segundo a ONU, constitui 10% dos abortos praticados no mundo. A maioria destes abortos é realizada em péssimas condições de higiene e saúde e por serem utilizados os métodos mais hediondos para provocar o aborto (aquilhas, ervas), é que ocasionam altas porcentagens da esterilidade sendo que aproximadamente 400 mil abortos provocados acabam em mortes. Estes números são apenas estimativas pois são feitos na clandestinidade por clínicas especializadas, por parteiras, curlosas e na maioria provocados pela própria mulher.

É necessário denunciar o que significa o aborto estar inserido no Código Penal: significa expandir a Indústria de aborto que se reveste para a burguesia em uma poderosa fonte de lucro. As clínicas clandestinas são verdadeiras máfias às quais somos obrigadas a nos submeter, cobrando quantias exorbitantes sendo que uma parcela do que é cobrado cabe ao aparato de repressão para que as clínicas possam funcionar "tranquilamente".

Este conluio da burguesia com o aparato repressivo é necessário para que a ditadura se veja desobrigada com a saúde da mulher, e para tal, coloca cerca de 3 milhões de mulheres em posição de criminosas pelo fato de não querer ou não poder ter um filho.

Lutar hoje contra as leis anti-aborto é um passo decisivo na luta pelo direito da mulher optar pela maternidade, luta que faz parte do conjunto dos direitos democráticos exigidos pelo povo, na luta contra o regime militar.

Coordenação da Campanha Nacional Pela Legalização do Aborto

OBS.: A Coordenação é composta pelas seguintes entidades:
Jornal O Trabalho
Convergência Socialista
Movimento Negro Unificado
Jornal O Inimigo do Rei
Departamento Feminino do DCE Livre da USP
CA Filosofia USP
CA História USP
GFAU — USP
CA Psicologia PUC
Departamento Feminino da UMES

Núcleo de Mulheres do Centro de Cultura Operária.

A Coordenação se reúne semanalmente às sextas-feiras, às 19:30 horas no Sindicato dos Jornalistas — rua Rêgo Freitas, 530 — sobreloja.

Desculpa esfarrapada

MAÍSA (BAHIA)

Os governantes têm uma desculpa para os baixos salários, inflação, miséria e tudo o mais que impede uma melhoria na vida do trabalhador. E a desculpa se resume numa palavra: petróleo.

Há 30 anos atrás o petróleo era farto e barato. O que oprimia o povo brasileiro então?

A carta abaixo encontrei no sótão da minha casa, dentro do livro «Férias de Natal» de W. S. Maugham.

A carta segue na íntegra.

«A data é 24 de novembro, um sábado.

Tínhamos chegado às 12:30, daquele dia quente, sufocante e cinzento.

Todas as coisas pareciam estar contra o carioca. Como se não bastassem os rigores da natureza hostil, tudo o mais estava difícil e escasso.

Faltava carne, manteiga, leite, feijão, água, e para culminar, a Light não se cansava de ameaçar pelos jornais aos meus conterrâneos com o corte imediato e inapelável, do fornecimento de energia, na hipótese de consumirem além da quota destinada a cada um. Era como se nós tivéssemos culpa do desleixo da companhia, e da inabilidade e corrupção dos políticos dirigentes de nossa terra, iguais na sua maioria aos demais dirigentes do país, e porque não dizer do mundo.

Sentado num bar, diante de uma garrafa de bebida, eu observava silenciosamente. Observava o desfile apressado e interminável daquela multidão de homens e mulheres cansados e suarentos que demandava ao lar, após terminar a jornada de trabalho semanal, saídos dos escritórios, oficinas, lojas, etc.

nada de trabalho semanal, saídos dos escritórios, oficinas, lojas, etc.

Notei, ou melhor, refleti mais uma vez, aquilo que diferenciava o meu povo dos restantes brasileiros. Vi com satisfação que apesar do sofrimento produzido pela falta das coisas mais elementares ao conforto humano, apesar da demagogia, da corrupção e da eterna luta pelo poder, os caminhantes marchavam indiferentes e porque não dizer — quase alegres! Abandonando o bar e incorporando-me à massa, descobri a razão de ser, daquilo que a princípio julguei, uma insensibilidade de caráter. O que animava aquelas pessoas era um vago, mais maravilhoso sentimento de liberdade!

Liberdade de dizer mal dos homens que os torturavam! Liberdade dos negros como eu, andarem com suas roupas bizarras! Enfim, aquela característica que nos torna diferentes dos outros homens nascidos na nossa República — a ausência de convencionalismo, formalidade e preconceito —, tudo isso meu caro amigo encontrado na minha São Sebastião. Pensando nessas coisas, lembrei-me com saudade das nossas brincadeiras, quando caminhávamos despreocupados pelas areias de Itapuã. A diferença é que para fazê-lo tínhamos que construir nosso mundo à parte... todos nos maldiziam, e nós satisfeitos caminhávamos... caminhávamos...

Como recordação daqueles dias que não estão muito distantes é que te mando estes dois volumes de Maugham. Um homem que apesar de divergir dos outros homens os compreende, ama e ri de todos eles.

Rio de Janeiro, novembro de 1951»

ECOLOGIA

O preço da liberdade

AILTON GUIMARÃES (BAHIA)

Por que os animais têm que morrer? Será esse o preço de suas vidas e da sua liberdade?

O universo se criou para o homem e para todos os componentes que o cercam, mas o que parece é que os homens não entendem, não procuram entender ou mesmo fingem que não entendem a natureza universal.

O que torna os homens tão ambiciosos, tão perversos com o seu próprio meio de vida? A meu ver é a desigualdade social que faz do homem um verdadeiro espectro da natureza, porque sempre quer mais e mais; mata, rouba e por fim degrada o próprio ambiente que o cerca, destruindo assim, não a si próprio, mas todo um ciclo de vidas que não tem culpa das suas ambições.

Agora mesmo temos um exemplo frio de toda essa degradação. São os jacarés do pantanal matogrossense que vêm sendo esfolados por quadrilhas nacionais e internacionais que invadem a fronteira para tirar o seu quinhão, são como uns verdadeiros vermes que aproveitam a inocência e irracionalidade dos animais para ganhar muitos dólares. Matam e esfolam os pobres bichos, tiram as suas peles e atiram os seus corpos aos abutres, quando na verdade quem deveria ser atirada aos abutres é essa gente sem escrúpulos.

Eu tenho nojo dessa cambada de filhos-da-puta ambiciosos que não tem nenhum conceito de vida e só pensa nos dólares que são arrancados a preço da vida animal.

RARO COMO PETRÓLEO

Há pouco tempo fui ao interior como de costume, num dia de sábado quando eu tomava uma cerveja com uns amigos, percebi que fora do bar havia muito movimento e uma roda de gente olhando para o fundo de um carro que pertencia a um doutor ou coisa semelhante de uma cidade vizinha. Eu curiosamente fui ver, o cara estava com um jacaré amarrado no fundo do carro; eu a princípio não dei muita importância pois pensei que ele fosse criar o bicho, mas aquilo ficou me batendo na cabeça e eu parti para perguntar ao sujeito o que ele faria com o animal: ele me disse que iria fazer um churrasco do bicho; eu fiquei perplexo porque sei que na região (sul balano) é mais fácil se en-



Biblioteca Socialista Libertária

1) "Autogestão", revista libertária. Caixa Postal: 11.277, CEP 01.000, São Paulo (SP), Brasil.

2) "Barbárie", revista de cultura libertária. Caixa Postal: 2454, CEP 40.000, Salvador (BA), Brasil.

3) "Burocracia e Ideologia", de Maurício Tragtenberg. Editora Ática, "Ensaio 9"; 228 pp.; São Paulo 1974.

4) "Deus Vermelho", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre (Rio); 124 pp.; Porto (Portugal) 1978.

5) "Nacionalismo & Cultura Social — 1913-1922", de Edgar Rodrigues. Gráfica Editora Laemmert; 462 pp.; Rio 1972.

6) "Trabalho e Conflito — Pesquisa 1906-1937", de Edgar Rodrigues. Edição do autor; 378 pp.; Rio 1976.

7) "Novos Rumos — Pesquisa Social 1922-1946", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre; 478 pp.; Rio 1978.

8) "Alvorada Operária", de Edgar Rodrigues. Editora Mundo Livre; 358 pp.; Rio 1979.

9) "Socialismo, uma visão alfabética", de Edgar Rodrigues (endereço para correspondência: Caixa Postal 1.124, CEP 20.000, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Editora Porta Aberta; 306 pp.; Rio 1980.

10) "Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro — 1890-1920", de Sheldon Leslie Maram. Editora Paz e Terra; 180 pp.; Rio, 1979.

11) "Autogestão: uma mudança radical", de Alain Guillemin & Yvon Bourdet. Zahar Editores; 230 pp.; Rio 1976.

12) "Os Despossuídos", de Ursula & Le Guin. Editora Nova Fronteira; 284 pp.; Rio 1978.

13) "Homenagem à Catalunha", de George Orwell. Edições "Livros do Brasil" (Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa, Portugal); 268 pp.; Lisboa.

14) "A Revolução dos Bichos", de George Orwell. Editora Globo; 136 pp.; Porto Alegre 1975.

15) "1984", de George Orwell. Cia. Editora Nacional; 278 pp.; São Paulo 1978.

16) "A Imprensa operária no Brasil, 1880-1920", de Maria Nazareth Ferreira. Editora Vozes; 188 pp.; Petrópolis 1978.

17) "O Anarquismo e a Democracia Burguesa", de Malatesta, Bakunin, Knopotikin, Engels e Guérin. Global Editora; 126 pp.; São Paulo 1979.

18) "A Sociedade contra o Estado", de Pierre Clastres. Livraria Francisco Alves Editora; 152 pp.; Rio 1978.

19) "A Comuna", de Louise Michel. Editorial Presença (Av. João XXI, 56-1, Lisboa, Portugal) e Livraria Martins Fontes (Praça da Independência, 12, Santos, Brasil); 218 pp. (Volume I) e 234 pp. (Volume II); Lisboa, Santos 1971.

20) "Marx & Marx", de Luís Alfredo Galvão. Editora Ática; "Ensaio 25"; 174 pp.; São Paulo 1977.

21) "Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro", de Clóvis Moura. Editora Brasil Debates; 80 pp.; São Paulo 1979.

22) "Sacco e Vanzetti: um erro irreparável", de Katherine Anne Porter. Salamandra Consultoria Editorial; 90 pp.; Rio 1978.

23) "Sacco e Vanzetti", de Howard Fast. Distribuidora Record; 192 pp.; Rio.

24) "Antologia do Socialismo Libertário", de Bakunin, Rocker, Castoriadis, Malatesta, Tomasi. Edições Mundo Livre; 52 pp.; Rio 1979.

25) "Lenin", de Daniel Guérin. Edições Mundo Livre; 32 pp.; Rio 1979.

26) "O Anarquismo", de Daniel Guérin. Editora Germinal; 176 pp.; Rio 1968.

27) "O futuro pertence ao Socialismo Libertário", de Daniel Guérin. Edições Proa (Caixa Postal: 10.563, Porto Alegre, Brasil); 158 pp.; Porto Alegre 1969.

28) "A luta de classes em França na Primeira República, 1793-1795", de Daniel Guérin. Edições "A Regra do Jogo" (Rua Sousa Martins, 5-2º Dto., Lisboa, Portugal); 286 pp.; Lisboa 1977.

29) "Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu", de J. Hampden Jackson. Zahar Editores; 148 pp.; Rio 1963.

30) "Conversações com Stalin", de Milovan Djilas. Editora Globo; 162 pp.; Porto Alegre 1964.

31) "A Nova Classe", de Milovan Djilas. Livraria Agir Editora; 290 pp.; Rio 1971.

32) "Além da Nova Classe", de Milovan Djilas. Livraria Agir Editora; 266 pp.; Rio 1970.

33) "Os Mestres Pensadores", de André Glucksmann. Publicações Dom Quixote; 256 pp.; Lisboa 1978.

34) "A Cozinha e o Canibal", de André Glucksmann. Editora Paz e Terra; 194 pp.; Rio 1978.

35) "Humanismo e Ciência Moderna", de Piotr Kropotkin. Cooperativa Editora Mundo Livre; 210 pp.; Rio.

36) "Erros e contradições do Marxismo", de Varian Tcherkesoff. Editora Mundo Livre; 138 pp.; Rio.

37) "Ação Direta", de José Oiticica. Editora Germinal; 286 pp.; Rio 1970.

38) "Viagem Involuntária à Sibéria", de Andrei Amalrik. Edição "Livros do Brasil"; 398 pp.; Lisboa 1972.

39) "Uma questão de loucura", de Zhores e Roy Medvedev. Editora Artenova; 182 pp.; Rio 1972.

40) "O Mito do Partido", da Federation of Libertarian Students & Grupo Orobón Fernandez. Editora "A" (Caixa Postal: 10.563, Porto Alegre, Brasil); 36 pp.; Porto Alegre 1979.

41) "Nova Ética Sexual", de E. Armand. Editora Germinal; 166 pp.; Rio 1960.

42) "A Grande Revolução", de Piotr Kropotkin. Livraria Progresso Editora; 334 pp. (Volume I) e 332 pp. (Volume II); Salvador 1955.

43) "Anarquismo", de Edgard Leuenroth. Editora Mundo Livre; 236 pp.; Rio 1963.

44) "O Anarquismo", de Piotr Kropotkin. Livraria Progresso Editora; 184 pp.; Salvador 1954.

45) "O Diário do Dr. Satan", de Roberto das Neves. Editora Germinal. 272 pp.; Rio 1954.

46) "As Ideias Absolutistas no Socialismo", de Rudolf Rocker. Editora Sagitário; 148 pp.; São Paulo 1946.

47) "A Insuficiência do Materialismo Histórico", de Rudolf Rocker. "Organização Simões" Editora; 104 pp.; Rio 1956.

48) "O Anarquismo", de George Woodcock. Editora Meridiano (Rua da Misericórdia, 57, Lisboa-2, Portugal); 522 pp.; Lisboa 1971.

49) "A Verdade sobre Cronstadt", de S.M. Petrichenko. Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975.

50) "Autogestão, gestão operária, gestão direta", de Maurice Joyeux. Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975.

51) "Que Sindicalismo?", Edições "A Batalha"; 48 pp.; Lisboa 1975. Endereço de "A Batalha": Apartado 5.085 — Lisboa 1702 Codex, Portugal.

52) "O que é o Anarquismo", de Caio Túlio Costa. Livraria Brasileira Editora; 124 pp.; São Paulo 1980.

53) "O povo em armas (Buenaventura Durruti e o anarquismo espanhol)", de Abel Paz. Assírio & Alvim Sociedade Editorial (Rua Passos Manuel, 67-B, Lisboa-1, Portugal); 254 pp. (Volume I) e 262 pp. (Volume II); Lisboa 1976.

54) "A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores", de Manuel Rodrigues. Edições Afrontamento (Apartado 532, Porto, Portugal); Porto 1975.

55) "Anarquistas e Anarquismo", de James Joll. Publicações Dom Quixote; 368 pp.; Lisboa 1977.

56) "Deus e o Estado", de Mikhail Bakunin. Assírio & Alvim Sociedade Editorial; 170 pp.; Lisboa 1976.

57) "Conceito de Liberdade", de Mikhail Bakunin. Rés-Editora; Porto.

58) "A Nova Sociedade", de Proudhon. Rés-Editora (Rua Lima Júnior, 54, Porto, Portugal); 320 pp.; Porto 1976.

59) "O que é a propriedade?", de Proudhon. Editorial Estampa; 248 pp.; Lisboa 1971.

CONTATOS LIBERTÁRIOS

Se você deseja entrar em contato com o pessoal de O INIMIGO DO REI, escreva para:

EM SALVADOR:

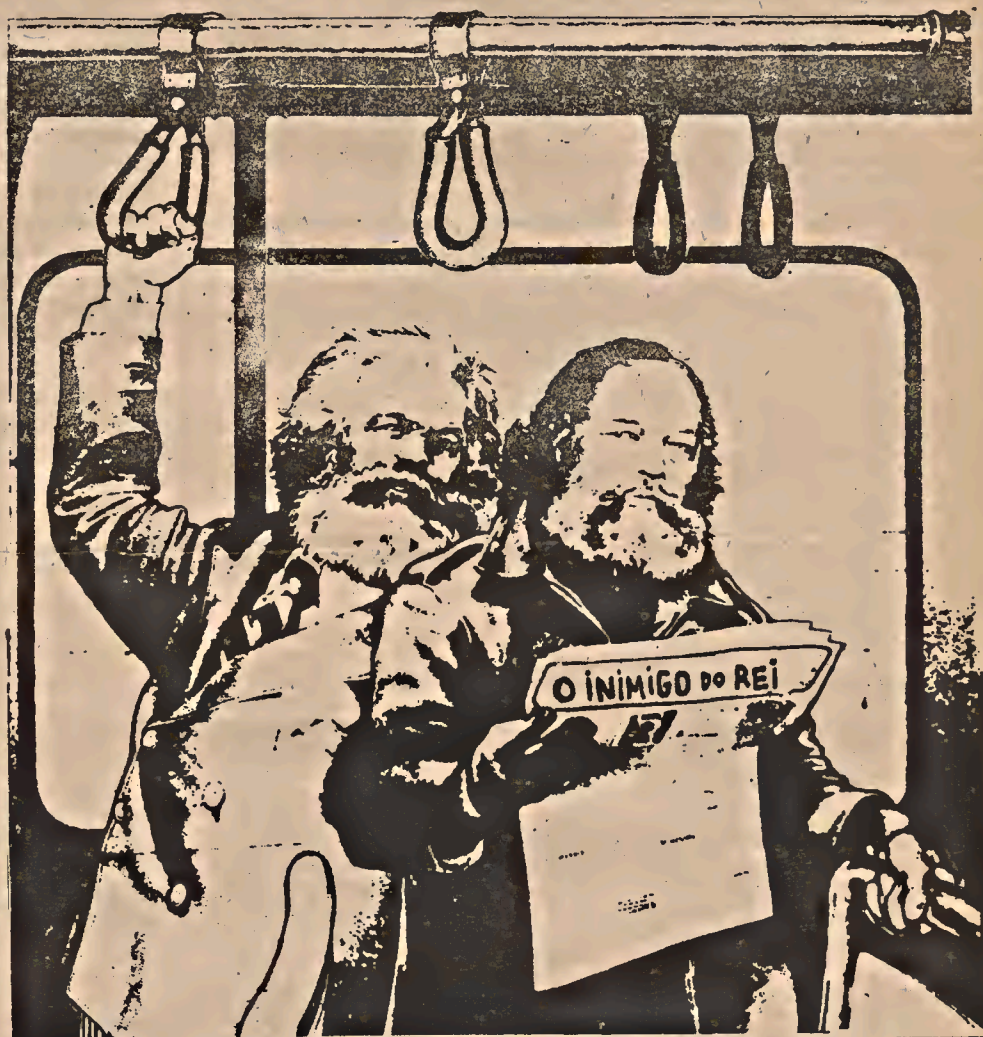
Caixa Postal: 2540, CEP 40.000, Salvador, Bahia.

EM PORTO ALEGRE:

Caixa Postal: 10.563, CEP 90.000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

EM SÃO PAULO:

Caixa Postal: 11.277, CEP 05.421, São Paulo, Capital.



Não aja como Karl Marx: não leia «O Inimigo do Rei» de tabela. Faça como Bakunin: assiné «O Inimigo do Rei» por apenas Cr\$ 220, (1 ano) ou Cr\$ 400, (2 anos).

Se você quiser sua assinatura grátis, basta fazer com que quatro (4) amigos seus assinem «O Inimigo do Rei»: mande as quatro no mesmo envelope e a sua é de graça.

Obs.: só aceitamos Vales Postais (compráveis em qualquer agência dos Correios) em nome da Editora e Livraria «A», Caixa Postal Nº 2540, Salvador, Bahia, CEP 40.000.

assinatura

O INIMIGO

DO REI

NOME: ENDEREÇO: CIDADE: ESTADO: UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

BRASIL DE SERPA E BRASIL DE GOLBERY:

EXISTE DIFERENÇA?

ANTÔNIO CARLOS PACHECO
(BAHIA)

A colocação a respeito de ser preferível um Exército nacionalista ao estilo do general Antônio Carlos de Andrada Serpa a um do tipo "vamos vender o Brasil" à la general Golbery, é pueril e não tem respaldo na realidade material objetiva das classes trabalhadoras.

A "diferença" entre os dois tipos de Exército nos lembra André Glucksmann que numa feliz tirada disse que as vítimas do fascismo de Brejnev sofrem do mesmo modo que as vítimas do fascismo de Pinochet. E disse ainda mais Glucksmann, que nós não devemos ouvir Pinochet e Brejnev sobre seus regimes ditatoriais e sim ouvir os oprimidos por ambos.

É uma colocação tipicamente marxista, de um mecanicismo bobo, que a realidade histórica já cuidou de desmoralizar neste século, a diferenciação entre capitalismo nacional e capitalismo monopolista internacional.

Para os marxistas, há a necessidade de fortalecimento da "burguesia nacional" para que ela leve a frente o projeto de democratização da sociedade abrindo caminho para o fluxo histórico que levará ao socialismo. Isto é tão falso e tão desmontável em pedacinhos que até um menino de ginásio vai lembrar ao teórico do PC que, apenas um exemplo, a burguesia francesa é fortíssima, mas a França está tão longe do socialismo como o Haiti.

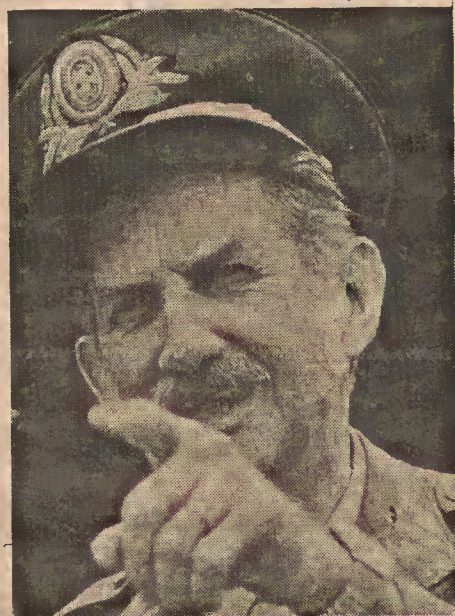
Além do mais, o desejo de fortalecimento da burguesia nacional é uma preocupação que só deveria fazer parte da vida dela mesma, burguesia, que se diz nacionalista. Porque aos trabalhadores interessa que eles são explorados em todo e qualquer sistema, seja ele oligopolista internacional ou burguês, nacionalista ou capitalista de Estado (marxismo e fascismo).

A realidade objetiva das classes trabalhadoras é que um empresário do tipo Severo Gomes, por exemplo, explora seus operários pagando-lhes o estritamente necessário para sua sobrevivência e extraindo deles a mais-valia que sustenta sua vida nababesca e seus investimentos. A mesma coisa que faz uma Volkswagen ou uma Dow Química.

Portanto, as nuances diferenciais entre Golbery e Serpa interessam muito mais a eles mesmos que aos trabalhadores.

O que o general-de-Exército Andrada Serpa pretende para o Brasil é um modelo cada vez mais centralista, mais estatizado e favorecendo ao empresariado nacional nas áreas que não interessarem ao Estado. Não é necessário ser um

grande analista econômico (e aí lembramos Noam Chomsky, que diz que os intelectuais complicam as coisas para que o povo não aprenda a solucionar seus problemas) ou político para entender que o pensamento do general Serpa é nitidamente de direita. Ele não coloca, nem uma vez, a questão das diferenças de classe. Ele fala em nome de coisas absolutamente abstratas para as classes trabalhadoras: defesa do capital nacional, defesa da Pátria, defesa dos interesses da Nação, defesa da soberania do país.



Gal. Serpa: nacionalismo (?????)

DESMONTANDO

Este capital nacional é de quem? Dos trabalhadores? Não. Este capital nacional explora os trabalhadores há 481 anos descaradamente.

Esta Pátria, o que é? Um lar-doce-lar para todos os brasileiros, ou é uma abstração para iludir os trabalhadores e desenvolver neles sentimentos místicos que os desviem dos seus verdadeiros interesses?

Os interesses da Nação, o que são? Será que são os interesses dos trabalhadores de terem comida farta à mesa; de ter um lugar para morar (mas não é pombal do BNH não, é lugar confortabilíssimo para morar — luxo para todos); de ter educação (não é ter uma escola para os filhos da burocracia como na Rússia e outra para os filhos de operários não — é cultura para todos); de ter muitas horas de lazer? Não. Os interesses de que Serpa fala são os interesses de uma

casta de militares, burocratas, técnicos e burgueses que olham o povo com o mesmo desdém que Rockefeller, do alto do prédio-sede do Chase Manhattan em Nova Iorque.

E a tal da soberania? O que será isto? Bem, isto já é uma abstração tão absurda que é ridículo explicar. Como é que um país envolvido num sistema capitalista, tendo planos desenvolvimentistas tipicamente apolíneos/industrialistas pode falar em soberania? Nem Cuba, nem URSS, nem China resistiram a esta tal soberania. Em país envolvido neste afã de desenvolvimento industrial (uma loucura tipicamente burguesa), a única soberania é a dos oligopólios que controlam interesses em todo o planeta, indiferente de fronteiras.

Para se falar em soberania teríamos que voltar à Idade Média. Economias isoladas. Economias auto-suficientes. Isto é impensável.

O general Golbery portanto, não é o bicho-papão desta história toda. Nem Figueiredo. Nem Delfim. Acusá-los é uma tolice idealista.

Todos, tanto os comunistas, socialistas, liberais, democratas-cristãos, pevistas, social-democratas (PDT, PTB, PT, PMDB), como os militares (nacionalistas ou não), assim como Figueiredo, Golbery, Serpa, Delfim, todos querem apenas uma coisa: perpetuar a dominação de um homem sobre outro, com ligeiras diferenças, que para os trabalhadores não interessam.

Golbery e Delfim apenas defendem um outro tipo de capitalismo. O que está tomando conta do mundo cada vez mais, estendendo seus tentáculos a todos os rincões do planeta. Hoje se conhece a Nestlé tanto na Suíça quanto em uma aldeota no interior da Amazônia. A Fiat é conhecida na Rússia, Brasil e em qualquer cidade do mundo. A General Electric é um polvo que cobre cinco continentes. Golbery e Delfim servem a estes interesses, como Serpa serve a outros interesses.

TRABALHADORES

Agora, é necessário frisar, nem Golbery nem Serpa, defendem os interesses dos trabalhadores.

Nunca veio um general a público dizer que as classes trabalhadoras, como únicas produtoras de riquezas, têm o direito de implantar o socialismo. Nenhum

militar veio a público dizer que é justo dissolver a polícia e o Exército e distribuir as armas entre o povo para autogestionar o poder, ou seja, anulá-lo para que vivamos numa sociedade igualitária. Nem disseram nem vão dizer. Pelo menos tão cedo.

O resultado da briga entre generais será a mais absoluta tolice, pois não atinge as bases reais das classes que trabalham. Os trabalhadores se preocupam apenas em que têm um patrão, se ele é americano, russo ou brasileiro, isto



Gal. Golbery "Dow" do Couto e Silva

pouco importa. Pois a consciência internacionalista está renascendo em todos os movimentos de massa a nível mundial. Os oprimidos notam que os preconceitos das classes dominantes, suas instituições autoritárias, sua religião (ou sua ideologia onde não há religião), sua polícia, seu Exército, sua política de destruição da natureza, tudo isto é comum tanto no Brasil como em qualquer outro país, capitalista ou comunista.

Desta constatação simples nasce a idéia de que uma revolução socialista só ocorrerá se for a nível mundial, e assim como o capitalismo de Golbery (ou que ele escora aqui no Brasil) é internacional, também o socialismo que irá substituí-lo será internacional e abrangerá todos os trabalhadores do mundo.

Rápidas & Caceteiras

BRASIL ECOCIDA — O governo militar brasileiro decidiu continuar caçando baleias no litoral do Nordeste e veio assim juntar-se aos dois outros governos assassinos do Japão e União Soviética. Segundo algumas autoridades de Brasília, se o Brasil não caçar a baleia os soviéticos e japoneses o farão. Poderíamos responder a estes gênios da lógica planaltina: se nós não matarmos as suas mães elas morrerão de qualquer maneira, portanto, tragam-nas para o paredão. Que governos que colocam o capitalismo acima da natureza como o regime marxista russo e o capitalista japonês, matem baleias, nós até "entendemos", mas o Brasil não tem necessidade de continuar este ecocídio porque algumas baleias não nos tirarão da miséria em que estamos atolados.

NICARÁGUA NEOFASCISTA — Quem teve oportunidade de assistir à Retrospectiva 80 da Rede Globo no

final do ano deve ter caído da poltrona quando um imbecil começou a gritar numa praça de Manágua: "Sandino Ayer, Sandino Hoy, Sandino Siempre" e o povo respondendo, num espetáculo de histeria que pensávamos sepultado com Stalin, Hitler e Mussolini. O novo governo nicaraguense, com forte influência de marxistas e padres da Igreja Católica, mostra muito bem que tipo de sociedade quer edificar: uma sociedade onde o povo seja manipulado como massa de pão em manifestações que pretendem liberar seus instintos. A Igreja até que está bem na Nicarágua, ela que se especializou em histeria coletiva, deve estar feliz de poder manipular a consciência popular novamente.

PRODUZIR E POUPAR — O general Figueiredo veio a público no final de 80 para despejar seu otimismo em cima dos brasileiros e conclamá-los a vencerem "juntos" os desafios de 81: energia, inflação e dívida externa. Quer dizer, na hora de usufruir a riqueza material do país, explorando as classes trabalhadoras, vendendo o país a Deus e o mundo e com isto privilegiando uma

casta de burocratas e burgueses, o povo não é lembrado. Agora, na hora de resolver os efeitos da má-administração, da incompetência generalizada, da corrupção desenfreada, então o Sistema se lembra do povo e reclama a todos resolverem "juntos" os problemas. Pois se o povo tiver um mínimo de consciência não vai poupar é nada e vai é boicotar a produção, porque se os corruptos enterraram o país, agora eles que desenterram.

MALUQUICE COMUNISTA — A Polônia assistiu no último mês de dezembro um espetáculo absolutamente grotesco que foi a inauguração do monumento em homenagem aos operários mortos por ordem do Partido Comunista em 1970. Naquela época os operários de Gdansk saíram às ruas em protesto contra a escassez de alimentos e os baixos salários (do operariado, a burocracia comunista sempre ganhou altos salários). O PC respondeu com balas. Mas o grotesco da inauguração é que a ela compareceram os prelados da Igreja Católica, o líder operário (moderado) Lech Walesa e, pasmem!, o chefe do PC, primeiro secretário Stanislaw Kania, o mesmo PC que mandou matar os operários, objeto de homenagem no monumento.

Lenin fala sobre sexo

Neste artigo, extraído da publicação "Condiçãoamento autoritário, repressão sexual e o irracional em política" da Contra a Corrente Edições e Livraria (Lisboa), nós pretendemos responder a alguns comunistóides e mesmo a alguns marxistas, que insistem em dizer que a mentalidade dos PCs a respeito de sexo e da emancipação da mulher está mudando. Pode estar mudando na cabecinha dos militantes de base, mas a doutrina não é renegada. A doutrina é o marxismo-leninismo e Lenin diz, abaixo, o que ele pensa de sexo: autocontrole, autodisciplina e que não se discuta sexo enquanto se faz a revolução (claro que depois também não). Aos jovens ele oferece "o desporto sadio, a natação, a corrida, a marcha" para que sublimem seus desejos sexuais. As posições de Lenin sobre sexo são as mesmas dos judeus, da Igreja Católica e de Benito Mussolini, daí a União Soviética ser o que é hoje, um país onde a repressão sexual é maior que em qualquer parte do mundo. Tudo baseado nos ensinamentos do mestre. Vamos lá jovens comunistas: deixemos o sexo e o álcool, leiamos Lenin.



Lenin poucas vezes falava do sexo. Separados da sua retórica "revolucionária", as suas ocasionais opiniões sobre o assunto são as de um intolerante puritano. Por causa da sua importância e autoridade noutros campos, os seus pontos de vista sobre o sexo exerceram uma considerável influência. Foram apropriados e repetidos até à náusea por todos quantos se opunham a uma transformação radical no campo das relações sexuais. Neste sentido desempenharam um papel importante na contra-revolução sexual. Publicamos aqui um excerto do capítulo "Mulheres, Casamento e Sexo" do livro de Clara Zetkin "Reminiscências of Lenin" (International Publishers, Nova Iorque, 1934). O livro foi escrito em 1924, pouco depois da morte de Lenin. Zetkin, membro fundador do Partido Comunista Alemão, fala com Lenin no Kremlin, no Outono de 1920.

Lenin falou a Clara: "A vossa lista de pecados, Clara, é ainda mais longa. Disseram-me que questões de sexo e casamento são os principais assuntos tratados nas palestras e serões e debates das camaradas. São o principal assunto de interesse, de instrução e de educação política. Mal podia acreditar no que ouvia quando me disseram. O primeiro país de ditadura do proletariado rodeado por contra-revolucionários de todo o mundo, a situação da própria Alemanha exige a maior concentração possível de todo o proletariado, das forças revolucionárias, para derrotar a cada vez maior contra-revolução. Mas, no seu trabalho, as camaradas discutem os problemas sexuais e as formas de casamento no passado, presente e futuro. Pensam que o seu mais importante dever é esclarecer as mulheres proletárias sobre estes assuntos. A brochura que mais se lê, penso eu, é o panfleto de uma jovem camarada vicenense sobre o problema sexual. Que perda de tempo: As verdades que ele contém já os trabalhadores as leram em Bebel, há muito tempo. Somente não de uma maneira tão maçante e tão pesada como nesse panfleto e sim escritas fortemente, duramente, agressivamente contra a sociedade burguesa.

"A extensão das hipóteses freudianas parece "educada", mesmo científica, mas é um erro grosseiro. A teoria freudiana está na moda.

Desconfio das teorias sexuais dos artigos, dissertações, panfletos, etc., em resumo, desse gênero especial da literatura que floresce exuberantemente no terreno sujo da sociedade burguesa. Desconfio dos que estão sempre a apreciar as várias questões, tal como o buda indiano o seu umbigo. Parece-me que estas fluorescentes teorias sexuais são principalmente hipotéticas, e muitas vezes hipóteses absolutamente arbitrárias, surgem da necessidade pessoal de justificar a anormalidade ou a hipertrofia pessoal na vida sexual perante a moral burguesa, e de suplicar a sua paciência. Este mascarado respeito pela moral burguesa, parece-me tão repelente como anda sempre a remexer em assuntos sexuais. Por mais violento e revolucionário que seja este comportamento, ele é ainda, realmente, absolutamente burguês. É principalmente um passatempo de intelectuais e dos setores que lhes ficam próximos. Não há lugar para ele no Partido, no combativo proletariado com consciência de classe".

CLARA fala: "Interrompi-o aqui, dizendo que a questão do sexo e do casamento, numa sociedade burguesa de propriedade privada, implica muitos problemas, muitos conflitos e muitos sofrimentos para as mulheres de todas as classes e categorias sociais. A guerra e suas consequências tinham acentuado grandemente os conflitos e os sofrimentos das mulheres em assuntos sexuais, tinham trazido à luz problemas que outrora lhes eram escondidos. A isto se juntavam os efeitos da revolução. O velho mundo do sentimento e do pensamento tinha começado a cambalear. Os velhos laços sociais estão a emaranhar-se e a partir-se, há as tendências para novas relações ideológicas entre o homem e a mulher. O interesse manifestado por estas questões é uma expressão da necessidade de esclarecimento, de reorientação. Indica também uma reação contra a falsidade e a hipocrisia da sociedade burguesa. Formas de casamento e da família, na sua evolução histórica e na sua dependência da vida económica, são calculadas para destruir a superstição existente na mente das mulheres trabalhadoras no que respeita ao caráter eterno da sociedade burguesa. Uma atitude histórica crítica perante esses problemas deve conduzir a um impiedoso exame da sociedade burguesa, a uma revolução na sua verdadeira natureza e dos seus verdadeiros efeitos, incluindo a condenação da sua moral sexual e da sua falsidade sexual. Todos os caminhos vão dar a Roma. E todas as verdadeiras análises marxistas de qualquer setor importante da superestrutura ideológica da sociedade deve passar de fenômeno predominantemente sociais a uma análise da sociedade burguesa

e da sua base de propriedade, deve determinar a convicção de "isto tem de ser destruído".

LENIN assentiu sorrindo e disse: "Al está! Estão a defender conselhos para as vossas camaradas e o vosso Partido. Evidentemente que o que acaba de dizer está certo. Mas só desculpa os erros cometidos na Alemanha; não os justifica. São, e continuam a ser erros. Quer na verdade convencer-me seriamente que as questões do sexo e de casamento foram discutidas dum ponto de vista de amadurecido e vivo materialismo histórico? Para isso é preciso um profundo e variado conhecimento, o mais nítido domínio marxista de muitos assuntos. Onde podem vocês arranjar agora as forças para isso? Se elas existissem, panfletos como o que mencionei não seriam utilizados como material de estudo nos círculos de leitura e discussão. São distribuídos e recomendados, em vez de serem criticados. E qual é o resultado desta maneira fútil e não-marxista de tratar a questão? Que as questões de sexo e casamento são entendidas não como fazendo parte da grandes questão social? Não, pior! A grande questão social aparece como um adjunto, como uma parte, dos problemas sexuais. A coisa mais importante torna-se um assunto subsidiário. Isso não só prejudica a clareza da própria questão, mas confunde, em geral, os pensamentos e a consciência de classe das proletárias.

"Por fim, e não o menos importante: mesmo o sábio Salomão disse que tudo tem a sua altura. E eu pergunto-lhe: é agora a altura de distrair as proletárias com discussões sobre como se ama e se é amado, como se casa e se é casado... Agora todos os pensamentos das camaradas, das mulheres da classe operária, devem ser dirigidos para a revolução proletária, que cria a base para uma verdadeira renovação nas relações sexuais e no casamento. Neste momento outros problemas são mais urgentes do que as formas de casamento dos Maoris ou o incesto nos tempos antigos. A questão dos Soviets está ainda na agenda do proletariado alemão. O Tratado de Versalhes e o seu efeito sobre a vida das mulheres trabalhadoras — desemprego, diminuição de salários, impostos e muitas outras coisas. Em resumo, mantenho que esta espécie de educação social e política das proletárias é falsa, absolutamente falsa. Como pode calar-se quanto a isto? Deve usar contra isso sua autoridade".

CLARA responde: "Não deixei de criticar e protestar junto das camaradas dirigentes das várias regiões, disse eu ao meu furioso amigo. Ele próprio sabia que um profeta nunca é reconhecido no seu próprio país ou na sua própria família. Com as minhas críticas, eu tinha-me exposto à acusação de "fortes reminiscências de Ideologia social-democrata e de antiquado filistinismo". Mas finalmente as críticas



tinham começado a fazer efeito. As questões de sexo e casamento já não eram o aspecto central da discussão. Mas Lenin continuava o fio de seu pensamento".

LENIN: "Eu sei, eu sei", disse ele. "Também fui acusado por muitas pessoas de filistinismo neste assunto, embora isso me desagrade. Há nisto tanta hipocrisia e tanta estreiteza de espírito. Bem, eu suporto tudo isso com calma: Os passarinhos de bico amarelo que acabam de sair do ovo das idéias burguesas são sempre terrivelmente espertos. Teremos de deixar que isso passe. Também o movimento da juventude foi atacado pela doença da atualidade na sua atitude perante as questões sexuais e na exagerada importância que lhes dá".

LENIN acentuou ironicamente a palavra atualidade e fez uma careta ao pronunciá-la: "Disseram-me que as questões sexuais são também o tema favorito das vossas organizações de juventude. Parece que há falta de oradores suficientes sobre o assunto. Estes falsos juízos são particularmente nocivos no movimento da juventude. Podem facilmente contribuir para a superexcitação e exagero na vida sexual de alguns jovens, para um desperdício da juventude, da saúde e da energia. Deve lutar também contra isso. Não há alguns pontos de contato entre os movimentos das mulheres e o dos jovens? As nossas camaradas mulheres têm de, siste-

maticamente, trabalhar com a juventude. É uma continuação, uma extensão e uma exaltação dos sentimentos maternos da esfera individual para a esfera social. E toda a nascente vida social e atividades das mulheres deve ser encorajada para que elas possam libertar-se das limitações da psicologia da sua família da sua casa individualista e filistéia. Mas voltaremos a isto mais tarde.

"Entre nós, também uma grande parte da juventude está ansiosa por "rever os conceitos e a moral burguesa" no que toca às questões sexuais. E, devo acrescentar, uma grande parte da nossa melhor, da nossa mais promotora juventude. O que a camarada disse antes é verdade. Nas condições criadas pela guerra e pela revolução, os velhos valores ideológicos desapareceram ou perderam a sua força. Os novos valores estão a cristalizar-se lentamente, em luta, nas relações entre homem e homem, entre homem e mulher, os sentimentos e os pensamentos estão a ser transformados radicalmente. Novos limites estão a ser estabelecidos entre os direitos do indivíduo e os direitos do todo, no que respeita aos deveres dos indivíduos. O assunto está ainda em fermento completamente caótico. A direção, a forças evolutivas nas várias tendências contraditórias não estão ainda claramente definidas. É um processo lento e muitas vezes doloroso de decadência e crescimento. E particularmente na esfera das relações sexuais, do casamento e da família. A decadência, a corrupção, a porcaria do casamento burguês, com o seu difícil divórcio, a sua liberdade para o homem, a sua escravidão para a mulher, a repelente hipocrisia da moral e das relações sexuais encham de profundo desgosto as pessoas de espírito mais desenvolvido.

"A diferente atitude dos jovens perante as questões de vida sexual baseiam-se, evidentemente, num "princípio" e numa teoria. Muitos deles chamam à sua atitude "revolucionária" e "comunista". E honestamente acreditam que assim é. Mas isso não nos impressiona a nós os velhos (grifo nosso). Embora eu não seja senão um asceta triste, a chamada "nova vida sexual" dos jovens — e às vezes dos velhos — parece-me muitas vezes ser puramente burguesa, um prolongamento dos bordéis burgueses. Isso não tem absolutamente nada em comum à liberdade do amor como nós, comunistas, a entendemos. Tem que se ter cautela com a famosa teoria que na sociedade comunista a satisfação dos desejos sexuais, do amor, será tão simples e sem importância como beber um copo d'água. Esta teoria do copo de água põe loucos absolutamente loucos, os nossos jovens. Mostrou-se fatal para muitos jovens, rapazes e moças. Os seus adeptos continuam a considerá-la marxista. Mas graças àquele marxismo que direta e imediatamente atribui todos os fenômenos a alterações na super-estrutura ideológica da sociedade à sua base económica As coisas não são assim tão simples. Um certo Friedrich Engels mostrou isso há muito tempo a respeito do materialismo histórico.

"Penso que esta teoria do copo de água é absolutamente não-marxista e, acima de tudo anti-social. (...) Evidentemente que a sede deve ser satisfeita. Mas seria capaz o homem normal, em condições normais, de se deitar na sarjeta e beber água duma poça, ou de um copo besuntado por muitas bocas? Mas o aspecto social é o mais importante de todos. Beber água diz, evidentemente, respeito a um indivíduo. Mas em amor duas vidas estão interessadas e uma terceira, uma nova vida, surge. É isso que lhe dá o seu interesse social, que dá origem a um dever para com a comunidade.

"Como comunista, não tenho a menor simpatia pela teoria do copo d'água, (grifo nosso) embora ela tenha o belo título de "satisfação do amor". Em todo caso esta libertação do amor nem é nova nem é comunista. Lembremo-nos que nos meados do último século era pregada na literatura romântica como "emancipação do coração". Na prática burguesa tornou-se a emancipação da carne. Nessa altura os pregadores tinham mais talento do que hoje, e quanto à prática, não posso julgar. Não pretendo com a minha crítica pregar o ascetismo. De modo algum. O comunismo não arrastará o ascetismo, mas a alegria de viver, força da vida, e uma vida de amor satisfeito contribuirá para isso. Mas, na minha opinião, a atual e comum hipertrofia das questões sexuais não dá alegria nem força à vida, mas retira-lhes. Na idade da revolução isto é mau, muito mau.

"Particularmente os jovens precisam da alegria e da força da vida. O desporto sadio, a natação, a corrida, a marcha, os exercícios físicos de qualquer espécie e os diversificados interesses intelectuais. Aprender, estudar, investigar (grifo nosso) tanto quanto possível em comum. Isto dará aos jovens mais do que teorias e discussões eternas sobre os problemas sexuais o chamado "viver plenamente". Corpos sãos, almas sãs, (grifo nosso). Nem homem nem Don Juan nem atitude intermédia dos filisteus alemães. Conheço o jovem camarada...? Um rapaz esplêndido e de grande talento. E contudo receio que nada de bom resulte dele. Ele pensa e vacila de um amor para o seguinte. Isso não serve para a luta política, para a revolução (grifo nosso) E eu não apostaria na confiança, na constância na luta daquelas mulheres que confundem os seus romances pessoais com a política. Nem dos homens que correm atrás das salas e são atraídos por todas as jovens. Não, não! Isso não se enquadra com a revolução".

Lenin levantou-se de um salto, deu um murro na mesa e, durante algum tempo, passeou na sala, de um lado para o outro:

"A revolução exige concentração, aumento de energia. Das massas, dos indivíduos. Não pode tolerar condições orgíacas, (grifo nosso) que eram normais entre os heróis e heroínas decadentes de D'Annunzio. A dissolução na vida sexual é burguesa, é um fenômeno de decadência. (grifo nosso) O proletariado é uma classe em ascensão. Não precisa de intoxicação como narcótico ou como estímulo. Nem intoxicação pelo exagero sexual nem pelo álcool (grifo nosso) Não pode nem deve esquecer, esquecer, a vergonha, a porcaria, a selvageria do capitalismo. Recebe o mais forte estímulo para o combate de uma situação de classe, do ideal comunista. Necessita de pureza, pureza e só pureza (grifo nosso) E por isso repito, nem enfraquecimento, nem desperdício, nem destruição de energias. O auto-controle a auto-disciplina não são escravidão nem mesmo no amor. (grifo nosso) Mas perdoe-me, Clara, afaste-me muito do ponto de partida da nossa conversa. Por que é que não me chamou à ordem? A minha língua pensou comigo. Estou profundamente interessado no futuro dos nossos jovens. Faz parte da revolução. E se aparecerem tendências nocivas, trepando da sociedade burguesa para o mundo da revolução — como raízes de muitas ervas daninhas disseminadas — é melhor combatê-las cedo. Estas questões fazem parte da questão feminina".

Não deixa de ser coerente a situação de autoritarismo que os responsáveis pelo cinema nacional vêm estabelecendo em cima do público, gradativamente, já há muito tempo. É uma questão de ideologia.

Quem faz cinema no Brasil ou são empresários — pornochanchadas e coisas afins — ou intelectuais pequeno-burgueses, ditos de esquerda. Acredito que o número de empresários seja maior e a influência ideológica dos intelectuais maior. Mas os interesses dos dois grupos se identificam muito bem devido a raiz pequeno-burguesa de ambos.

É mais uma prova que a intelectualidade de esquerda marxista é autoritária e, no Brasil, capaz de tudo para satisfazer seus interesses burgueses.

No caso do cinema nacional utiliza-se o autoritarismo do sistema, o poder dos generais para fazer valer leis que obrigam a todos a aceitarem a vontade dessa meia-dúzia de intelectuais. Quando os interesses dessa gente entra em jogo vale tudo, inclusive o poder dos generais.

O fato concreto é que o povo não gosta de uma grande maioria do que é feito no Brasil em termos de cinema. A pornochanchada tem um pequeno público entre estudantes donzelos e os filmes dos intelectuais dão monstruosos prejuízos aos exibidores obrigados a exibí-los.

De vez em quando surge um filme melhorzinho e é mais aceito por todos. Mas normalmente o que é produzido é de baixo nível. O povo não é burro. Só os aristocratas pensam que é. A opinião do povo é importantíssima e quando rejeita o que o intelectual faz, atinge a verdade.

O fato concreto é que a grande maioria das pessoas no Brasil não gosta do cinema nacional. Os interessados em ganhar dinheiro com cinema no Brasil e os intelectuais tecem mil teorias, todas elas bem arquitetadas, mas todas falhas.

O corriqueiro é culpar o cinema estrangeiro e apelar para sentimentos nacionalistas dizendo que estamos sendo colonizados culturalmente.

É verdade que o americano tem interesse em completar nossa colonização e é também verdade que devemos defender a cultura nacional. Mas deveríamos defender a cultura nacional democraticamente sem o auxílio dos generais nem de leis proibindo e impondo coisas.

Mas deixemos esse aspecto para depois.

Não acredito que o cinema estrangeiro, notadamente o americano, seja tão diabólico quanto nos fazem crer esses espertos cineastas nacionais.

Se compararmos com outras atividades artísticas vamos observar que, apesar da permanência no mercado do produto estrangeiro, o nacional é preferido muitas vezes ou divide as atenções do público. É o caso da música por exemplo. O produto nacional é muito bom, em pé de igualdade com o estrangeiro e tem público certo. Deve ter alguma lei de obrigatorie-

ESSES CURIOSOS CINEASTAS NACIONAIS

RICARDO LIPER (BAHIA)

dade de tocar música nacional, mas no comércio de discos o povão consome e canta a música nacional sem ser obrigado a isso por metralhadoras e pela polícia. E o ideal dos intelectuais que fazem cinema no Brasil é obrigar o povo, a chicotadas, a entrar no cinema para ver suas besteiras. Ainda não conseguiram isso, mas estão perto. Obrigar a vermos seus curtas-metragens já conseguiram. O povo reage aos berros de «tira-tira» ou sai para sala de espera.

Mas voltemos às comparações:

As novelas concorrem democraticamente com os enlatados na TV e o povo vibra com elas



obrigando as estações de TV a reservar os horários nobres para elas. Os melhores atores nacionais estão nas telenovelas que são muito bem cuidadas. Embora pequenos, aqui e ali, numa certa ingenuidade, é inegável que são boas. Esse negócio de não gostar de novela é má fé. Os programas humorísticos são outro exemplo. Poderia citar vários exemplos de popularidade da televisão brasileira, que é boa. Bem feita e o povo reconhece isso. Os intelectuais invejosos tecem mil teorias e torcem seus preciosos narizes para TV. Por debaixo do pano, ou quando são chamados, esquecem seus remexos passados e são subservientes ao padrão de qualidade Globo. Tem alguns deles trabalhando na TV hoje em dia.

Como explicar então o cinema nacional ser tão ruim?

O cinema concentrou dois opostos: os empresários que só querem dinheiro e os intelectuais mais distanciados do povo que só fazem teoria sobre o povo, mas sem entendê-lo ou participar de seus verdadeiros desejos.

O resultado é isso aí. As pessoas não vão ao cinema e os intelectuais escondem-se de baixo das botas dos generais para conseguir obrigar o povo a consumir seu trabalho.

Ora, a solução democrática seria possuir algumas casas exibidoras de qualidade e exibir seus filmes permitindo ao povo escolher. Agora obrigar a ver é uma solução autoritária.

Alguns desses intelectuais querem dublar os filmes estrangeiros mostrando assim que, acima do cinema, estão seus interesses. Dublar um filme é censurá-lo. É abrir as portas a uma censura muito mais severa. Por outro lado mutila o filme todo. Liquida a obra. Não existe dublagem bem feita. Todas elas matam o filme.

O curioso entretanto é que os generais estão contentes com esses intelectuais. Primeiro, com a obrigatoriedade de exibição do filme nacional, os exibidores escolhem uma pornochanchada qualquer e exibem várias semanas consecutivas imbecilizando o público ou impedindo que ele tenha acesso a obras melhores do cinema estrangeiro. O filme desses «gênios» nativos continua na prateleira. Se exibidos não vai ninguém, portanto é preferível a pornochanchada. Quem ganhou com a lei: empresários e o governo.

Obriga-se agora a se exibir o curta-metragem. O governo aproveita e exhibe propaganda sua.

Se a dublagem passar a ser obrigatória, o governo será o melhor beneficiado, porque terá condições de censurar tudo absolutamente.

Mais uma vez a aliança com a direita faz a direita vencer a parada. Mais uma vez é necessário repetir que, embora pareça o contrário, a esquerda brasileira é de direita.

Devemos defender a cultura nacional. O primeiro passo é ter qualidade e não transformar todo o cinema nacional em cinema experimental e em latrina de intelectual. Depois deve-se ter uma poderosa rede de exibição que ligue o cinema nacional com o povo diretamente. Aí sim deve-se ser inflexível. Possuir capacidade de exibição. Mas sem se esconder atrás das saias dos generais com leis de obrigatoriedade. Construindo salas próprias em termos de cooperativas onde o produtor exhiba seu produto sem depender do intermediário. E (o que o intelectual brasileiro está pouco acostumado) deixar o povo votar. Dar ao cinema eleições diretas.

TEATRO OPERÁRIO EM SÃO PAULO

Ao findar um dia massacrante, engolindo às pressas sanduíches, operários reunidos em uma casa de bairro periférico, ainda encontravam motivação e forças para ensaio de peça de teatro. As atividades geralmente se prolongavam por meses e findavam invariavelmente em uma única apresentação, num festival dedicado a arrecadar fundos para um jornal proletário ou para a edição de folheto ou livro.

Pela década dos 30, conhecemos alguns autores. Felipe Gil que escrevia com o pseudônimo de Souza Passos, garçom de fala mansa, delicada, conciliadora, inteligente, culto. Pedro Catalo, sapateiro, polemista destruidor, vigoroso, de palavra fácil nas assembléias e comícios da classe, possuidor de magnífica biblioteca. G. Soler, pintor de paredes, durante o dia, conferencista improvisado à noite. Aproveitando cada minuto do

tempo livre para melhorar a cultura e conhecimentos gerais.

Atores operários recordamos Vitória Guerreiro, tecelã, gorducha, de passos miúdos, com sorriso permanente iluminando a face redonda. Hermano Mezzetti, sapateiro, de gestos e alma fina, sorriso tímido e atuação constante.

Uma galeria de pessoas que nos surpreende pela qualidade humana.

Festas e festivais no Salão Celso Garcia (Classes Laboriosas) sempre a cunha, como atestam fotografias da época, reunindo trabalhadores e suas famílias. Participação ativa de crianças, sem separações odiosas, e que terminavam às primeiras horas da madrugada de domingo.

Do programa constavam representação teatral, palestra, cantos recitativos e para o final, animado baile.

É nessa arqueologia de tipos e atividades notáveis para a época, que Ma-

ria Tereza Vargas e colaboradores esquadrinharam com paciência e probidade intelectual resultando excelente livro em que faz levantamento inicial do que foi o teatro operário de orientação libertária, no Estado de São Paulo.

As atividades originaram-se com a colônia italiana, passando por grupos espanhóis e se prolongando com o trabalho pertinaz do operário brasileiro.

É de se notar que o teatro proletário nascendo no início do século projeta sua atividade, sempre com altos e baixos, até o ano de 1964, com as realizações do Laboratório do Centro de Cultura Social, no bairro do Brás. Este Laboratório só por si, mereceria estudo à parte.

Maria Tereza Vargas e Mariângela Alves nos oferecem síntese didática, original, permeada de observações psicológicas e de análise crítica, porém sem nos chatear com insuportável erudição,

muito comum nos acadêmicos "fazedores" de teses a metro quadrado.

Ainda mais, o livro é apresentado com bom gosto incrível. Ótima diagramação na qual sobressaem fotografias a cores, excelente papel, impressão nítida, que o torna prazer intelectual e estético.

Ressalta-se finalmente, a necessidade de edição popular que pudesse colocar nas mãos de todos os interessados a obra. Sem falar e acentuar que Maria Tereza Vargas apenas esboçou o teatro operário, ainda há muito material que para uma segunda edição poderia ser pesquisado e trazido à luz para o conhecimento de todos.

Teatro Operário na Cidade de São Paulo — Maria Tereza Vargas e Mariângela Alves de Lima, edição do Centro de Documentação, e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 218 pp, S. Paulo 1980.

BOBO DA CORTE

O BOBO DA CORTE FAZ TURISMO E MOSTRA
A SALVADOR QUE TURISTA NENHUM VÊ

Alagados: lugar mais «in» da Bahia: barracos em meio a águas fétidas.



Madame Alagada à espera das "ôtoridades"



Barro Nordeste de Amaralina: "A Bahia vai bem..."

ATÉ QUANDO ???????